



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

CAMILA DE CÁSSIA TAVARES PEREIRA

LAZER E TURISMO NO MUNICÍPIO DE PETRÓPOLIS, RJ: A CARTOGRAFIA  
COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Rio de Janeiro

2024

CAMILA DE CÁSSIA TAVARES PEREIRA

LAZER E TURISMO NO MUNICÍPIO DE PETRÓPOLIS, RJ: A CARTOGRAFIA  
COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Manoel do Couto Fernandes

Coorientador: Prof. Dr. Sérgio Ricardo Fiori

Rio de Janeiro

2024

### CIP - Catalogação na Publicação

T1831 Tavares Pereira, Camila de Cássia  
Lazer e Turismo no município de Petrópolis, RJ: a  
Cartografia como recurso didático no Ensino  
Fundamental II / Camila de Cássia Tavares Pereira.  
-- Rio de Janeiro, 2024.  
78 f.

Orientador: Manoel do Couto Fernandes.  
Coorientador: Sérgio Ricardo Fiori.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Programa  
de Pós-Graduação em Geografia, 2024.

1. Lazer . 2. Turismo. 3. Ensino Fundamental II.  
4. Mapas Mentais. 5. Petrópolis. I. do Couto  
Fernandes, Manoel , orient. II. Fiori, Sérgio  
Ricardo , coorient. III. Título.

CAMILA DE CÁSSIA TAVARES PEREIRA

LAZER E TURISMO NO MUNICÍPIO DE PETRÓPOLIS, RJ: A CARTOGRAFIA  
COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em: 27/05/2024

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Manoel do Couto Fernandes (Orientador)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

---

Prof. Dr. Sérgio Ricardo Fiori (Coorientador)  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

---

Prof. Dr. Paulo Márcio Leal de Menezes  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Teresa Cristina de Miranda Mendonça  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

## AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus, e, posteriormente, a minha saudosa mãe Luiza, que desde sempre foi uma grande incentivadora dos meus estudos e nunca mediu esforços para que eu conseguisse estudar.

Agradeço também a todos os amigos pelo apoio incessante nesta jornada, pois não foi fácil conciliar as demandas da vida com os afazeres do mestrado; porém, hoje posso agradecer imensamente por sempre me incentivarem na conclusão deste trabalho.

Um agradecimento especial aos irmãos que a vida me deu: Thársyla, Marcelo e Dayane, que foram essenciais ao longo do desenvolvimento desta dissertação, lembro-me das falas de carinho, das broncas e das muitas dúvidas sobre como prosseguir durante esse período.

Um agradecimento maior à Universidade Federal do Rio de Janeiro, por proporcionar uma base sólida a minha formação, uma referência no campo educacional; e ao Programa de Pós-Graduação, por me permitir ter acesso a professores tão renomados e ao vasto campo literário.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), que financiou esta pesquisa e permitiu que sua produção fosse possível.

Muito obrigada aos professores Enir e Érica, ligados à direção das escolas pesquisadas, por permitirem que meu trabalho fosse realizado em seus ambientes escolares; além da participação dos alunos, essenciais neste resultado.

Por fim, agradeço imensamente ao meu querido orientador Manoel, pela paciência e carinho, sempre buscando que o trabalho fosse feito com excelência; e ao meu incrível coorientador Sérgio, que sempre esteve disponível e solícito às muitas dúvidas que tive, sem vocês nada disso seria possível, o meu muito obrigado!

*Se a educação sozinha não transforma a  
sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.*

*Paulo Freire*

## RESUMO

Os conceitos de lazer e turismo estão presentes em nosso cotidiano, principalmente em um município de turismo consolidado, como no caso de Petrópolis, na região serrana do estado do Rio de Janeiro, que tem como principais eixos turísticos a história e cultura, possuindo ainda espaços destinados ao ecoturismo e turismo rural. O turismo é uma das principais fontes econômicas da cidade, assim, a pesquisa se justifica a partir da compreensão do conceito de lazer, relacionado a práticas realizadas no tempo ócio, fora do tempo das obrigações, podendo ser gratuito ou pago. O turismo se configura como um dos tipos de lazer, porém requer o deslocamento do lugar habitual. Neste contexto, Petrópolis possui uma grande diversidade de atrativos, equipamentos e serviços turísticos desfrutados também pelos turistas – não necessariamente moradores locais conhecem e/ou podem desfrutar desses espaços. Ao pensar no desenvolvimento desta importante prática social do mundo contemporâneo: o turismo; a cartografia se estabelece como um importante recurso de informação do lugar, tanto em relação ao planejamento e à gestão, quanto como produto de orientação dos visitantes. Assim, a pesquisa pretende utilizar a cartografia para o lazer e turismo como recurso didático com os alunos do ensino fundamental II, compreendendo como ocorre o uso do espaço tanto por turistas quanto pelos moradores locais. A pesquisa empírica ocorreu em duas escolas do município: o Instituto Metodista de Petrópolis, da Rede Privada, e a Escola Municipal Professora Jandira Peixoto Bordignon, da Rede Municipal, situadas em bairros diferentes. O trabalho recorreu aos mapas mentais por sua capacidade de representação espacial e organização de ideias e análise de conceitos. Os resultados obtidos estão diretamente relacionados ao meio socioeconômico, ou seja, os alunos da escola particular em sua grande maioria frequentam espaços de lazer e, portanto, conhecem os espaços de turismo de Petrópolis. Diferentemente os alunos da escola pública, que têm maior dificuldade conhecer os espaços de lazer e, conseqüente de turismo, pela dificuldade de acesso a esses espaços, agravada ainda pela defasagem de idade-ano escolar frequentado.

**Palavras-Chave:** lazer e turismo; ensino fundamental II; mapas mentais; Petrópolis.

## ABSTRACT

The concepts of leisure and tourism are present in our daily lives, especially in a consolidated tourism municipality such as Petrópolis, in the mountainous region of the State of Rio de Janeiro, which has history and culture as its main tourist axis, and also has spaces intended for ecotourism and rural tourism. Tourism is one of the city's main economic sources; Thus, the research is justified based on the understanding of the concept of leisure, related to practices carried out during leisure time, outside the time of obligations, which can be free or paid. Tourism is configured as one of the types of leisure, but it requires the position of the usual place. In this context, Petrópolis has a wide variety of attractions, equipment and tourist services that are fun for tourists, which local residents do not necessarily know about and/or can also enjoy these spaces in the city. When thinking about the development of this important social practice in the contemporary world: tourism; cartography is established as an important information resource for the place, both in relation to planning and management, and as a product for guiding visitors. In this context, the research aims to use cartography for leisure and tourism as a teaching resource with elementary school II students, understanding how space is used by both tourists and local residents. The empirical research took place in two schools in the city: the Instituto Metodista de Petrópolis and the Escola Municipal Professora Jandira Peixoto Bordignon, located in different neighborhoods, one public and the other private. The work made use of mental maps, due to their capacity for spatial representation and organization of ideas and analysis of concepts. The results obtained are directly related to the socioeconomic environment, that is, the vast majority of private school students attend leisure spaces and, therefore, know the tourism spaces in Petrópolis. Unlike public school students, who have greater difficulty getting to know leisure spaces (and consequently tourism) due to difficult access; Furthermore, there is a difference in age and school year attended.

**Keywords:** leisure and tourism; elementary school II; mental maps; Petrópolis.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Petrópolis e infraestrutura: aeroportos e rodovias.....	16
Figura 2 – Mapa Topográfico de Petrópolis.....	17
Figura 3 – Distritos de Petrópolis.....	17
Figura 4 – Site da Turispetro.....	19
Figura 5 – Mapa dos pontos turísticos do Centro Histórico.....	19
Figura 6 – Mapa dos Pontos Turísticos.....	20
Figura 7 – Terminal Rodoviário Governador Leonel Brizola.....	24
Figura 8 – Trecho da Rodovia BR-040.....	24
Figura 9 – Grande Hotel Petrópolis.....	25
Figura 10 – Feira de Artesanato de Itaipava.....	26
Figura 11 – Centro de Informações Turísticas – Pórtico Quitandinha.....	27
Figura 12 – Centro de Informações Turísticas – Praça da Liberdade, Centro.....	27
Figura 13 – Posto de Informação Turística – Centro da Moda, Rua Teresa, Centro Histórico.....	28
Figura 14 – Posto de Informação Turística – Centro de Cultura Raul de Leoni, Centro Histórico.....	28
Figura 15 – Posto de Informação Turística – Parque Municipal de Petrópolis, Itaipava.....	29
Figura 16 – Posto de Informação Turística da Rodoviária Gov. Leonel Brizola, Bingen.....	29
Figura 17 – Igreja Catedral São Pedro de Alcântara, Centro Histórico.....	30
Figura 18 – Hotel Quitandinha, Quitandinha.....	31
Figura 19 – Museu Imperial, Centro Histórico.....	31
Figura 20 – Casa de Santos Dumont, Centro Histórico.....	32
Figura 21 – Casa da Princesa Isabel, Centro Histórico.....	32
Figura 22 – Cervejaria Bohemia, Centro Histórico.....	33
Figura 23 – Palácio de Cristal, Centro Histórico.....	33
Figura 24 – Palácio Amarelo, Centro Histórico.....	34
Figura 25 – Palácio Rio Negro, Centro Histórico.....	34
Figura 26 – Igreja Luterana, Centro Histórico.....	35
Figura 27 – Coroa de D. Pedro II, Museu Imperial, Centro Histórico.....	36
Figura 28 – Pão Petrópolis.....	36
Figura 29 – <i>Bauernfest</i> , Centro Histórico.....	37
Figura 30 – Orquidário Binot, Retiro.....	37
Figura 31 – Santuário Vale do Amor, Fazenda Inglesa.....	38

Figura 32 – Parque Natural da Ipiranga, Centro Histórico.....	38
Figura 33 – Parque Nacional da Serra dos Órgãos, Bonfim.....	39
Figura 34 – Parque Cremerie, Independência .....	39
Figura 35 – Esquema base da teoria da comunicação .....	52
Figura 36 – Variáveis Visuais .....	53
Figura 37 – Mapa para planejamento turístico .....	54
Figura 38 – Mapa para orientação turística de alguns pontos turísticos do 1º distrito .....	55
Figura 39 – Localização das escolas pesquisadas em Petrópolis .....	57
Figura 40 – Aluno da Escola Municipal Professora Jandira Peixoto Bordignon .....	58
Figura 41 – Aluno da Escola Municipal Professora Jandira Peixoto Bordignon .....	59
Figura 42 – Aluno da Escola Municipal Professora Jandira Peixoto Bordignon .....	59
Figura 43 – Aluno do Instituto Metodista de Petrópolis .....	60
Figura 44 – Aluno do Instituto Metodista de Petrópolis .....	61
Figura 45 – Aluno do Instituto Metodista de Petrópolis .....	61
Figura 46 – Aluno do Instituto Metodista de Petrópolis .....	62
Figura 47 – Mapa mental de aluno da Escola Municipal Jandira Peixoto Bordignon .....	63
Figura 48 – Mapa mental de aluno da Escola Municipal Jandira Peixoto Bordignon .....	63
Figura 49 – Mapa mental de aluno da Escola Municipal Jandira Peixoto Bordignon .....	64
Figura 50 – Mapa mental de aluno da Escola Municipal Jandira Peixoto Bordignon .....	64
Figura 51 – Mapa mental de aluno da Escola Municipal Jandira Peixoto Bordignon .....	65
Figura 52 – Mapa mental de aluno da Escola Municipal Jandira Peixoto Bordignon .....	65
Figura 53 – Mapa mental de aluno do Instituto Metodista.....	66
Figura 54 – Mapa mental de aluno do Instituto Metodista.....	66
Figura 55 – Mapa mental de aluno do Instituto Metodista.....	67
Figura 56 – Mapa mental de aluno do Instituto Metodista.....	67
Figura 57 – Mapa mental de aluno do Instituto Metodista.....	68
Figura 58 – Mapa mental de aluno do Instituto Metodista.....	68
Figura 59 – Mapa mental de aluno do Instituto Metodista.....	69

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Infraestrutura básica.....	23
Tabela 2 – Tipos de Serviços turísticos .....	25
Tabela 3 – Serviços Públicos de apoio ao turismo .....	26

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>GEOGRAFIA E O ESPAÇO PARA O TURISMO E O LAZER: UM DESTINO CHAMADO PETRÓPOLIS.....</b>	<b>16</b>
2.1	CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO: O DESTINO TURÍSTICO PETRÓPOLIS, A CIDADE IMPERIAL .....	16
2.2	A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA SOCIAL DO TURISMO E LAZER: O ESPAÇO TRANSFORMADO PARA USOS/FINS TURÍSTICOS .....	20
<b>3</b>	<b>CARTOGRAFIA PARA O TURISMO E O LAZER: REPRESENTAÇÃO CARTO(GRÁFICA) DE UM LUGAR.....</b>	<b>48</b>
3.1	CARTOGRAFIA E A NECESSIDADE EM SE DESENVOLVER MAPAS PARA O TURISMO E O LAZER.....	48
<b>4</b>	<b>REPRESENTANDO PETRÓPOLIS E OUTROS DESTINOS: CARTOGRAFIA E A EFICÁCIA DE RECURSOS DIDÁTICOS.....</b>	<b>57</b>
4.1	DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO EMPÍRICO .....	57
<b>4.1.1</b>	<b>Procedimentos metodológicos.....</b>	<b>57</b>
<b>4.1.1.1</b>	<b><i>Análise 1: O que você entende por lazer e por turismo? .....</i></b>	<b>58</b>
<b>4.1.1.2</b>	<b><i>Análise 2: Mapas mentais sobre a percepção do trajeto casa-lazer e pontos turísticos conhecidos ou visitados .....</i></b>	<b>62</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>71</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>73</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Como petropolitana e professora das redes de ensino municipal e privada em Petrópolis, leciono há cerca de oito anos as disciplinas de Geografia e de História e Geografia de Petrópolis, Turismo e Educação para o Trânsito (HGPT.ET). Desde sempre, tive a impressão de que o turismo é muito estimulado e reconhecido pelos visitantes que vêm ao município, mas, para boa parte dos petropolitanos, acaba sendo incômodo em alguns períodos do ano, como nas principais festas, que trazem um grande fluxo de turistas, porque necessitam de uma demanda maior de reorganização da rotina local, a exemplo, o maior tempo gasto no trânsito.

Tal premissa gerou em mim um interesse de procurar saber os meus alunos pensavam sobre a atividade turística em Petrópolis, principalmente os alunos da escola pública, devido à disciplina (HGPT.ET) que possuem, destinada ao ensino histórico, geográfico e turístico do município. Em contrapartida, imaginava que também poderia ser interessante questionar a perspectiva dos alunos da rede privada, que não possuem a disciplina, para entender quais seriam os distanciamentos, mas, principalmente, as aproximações. Como complemento, seria interessante provocar a discussão também sobre lazer, por ser um conceito tão próximo ao de turismo.

A Geografia é uma ciência cujo objeto de estudo compreende e analisa o espaço e seus elementos naturais e culturais. O conceito de espaço é um terreno de encontro de vários campos de conhecimentos, dentre os quais o lazer e o turismo, que podem ser entendidos pela ótica da análise geográfica. As inúmeras atividades e seus agentes reproduzem novas configurações espaciais através de equipamentos, serviços e infraestruturas, essenciais à realização dessas práticas sociais. Em outras palavras: lazer e turismo são atividades humanas que envolvem diversas áreas de conhecimento nos âmbitos político, econômico, social, cultural e ambiental, que possibilitam a criação do espaço turístico.

Conforme a Organização Mundial do Turismo (OMT, 2001), o turismo compreende as atividades realizadas por pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes de seu entorno habitual por um período superior a 24 horas e inferior a 1 ano, seja por lazer, negócios ou afins. Segundo Fiori (2010), o turismo é uma das formas de lazer que compreende os modos de interesse físico, manual, intelectual, artístico, social, virtual e turístico<sup>1</sup>. No entanto, Bacal (2003) ressalta que ele não se reduz ao lazer, pois este pode ser uma atividade pouco

---

<sup>1</sup> Os interesses turísticos são aqueles produzidos pela quebra de rotina através de passeios e viagens, demandando um planejamento desde o deslocamento até as atividades que serão desenvolvidas (Ignarra, 2003, p. 53).

significativa quantitativamente, ou seja, o turismo é sazonal, realizado em tempos específicos, como finais de semana, feriados prolongados, férias. Por outro lado, ele se caracteriza por seu valor qualitativo, ao possibilitar plenamente (o dia todo) os vários interesses do lazer. O fenômeno turístico está diretamente relacionado à cadeia produtiva capital-espço, visto como produto que demanda dinheiro, seja para pernoitar (acomodação), se deslocar (passagem), ou vivenciar o destino (atividades de lazer). Por outro lado, pode-se fazer turismo, e não necessariamente lazer, ou seja, os deslocamentos acontecem por diferentes necessidades: profissionais, familiares, religiosas, saúde, etc., e o turista pode ou não optar pelo lazer, como o turismo em tempo de trabalho.

Há outra diferença essencial entre lazer e turismo: o lazer é mais democrático que o turismo, por poder ser realizado próximo ao local de moradia e até nela própria, tendo a possibilidade de ser ou não gratuito, como, por exemplo, exercícios físicos na academia ou na rua, assistir a um filme no cinema ou em um centro cultural, tocar violão em casa, etc., sendo ainda um direito constitucional, como exposto nos artigos 6<sup>o</sup><sup>2</sup> e 215<sup>o</sup><sup>3</sup> da Constituição Federal, que reconhece a todos os brasileiros o direito à cultura e ao lazer. Sendo um direito garantido todos os brasileiros deveriam ter acesso ao lazer de qualidade, importante para o bem-estar e prazer da população, seja para descanso, diversão, desenvolvimento pessoal e/ou social. Essas garantias visam assegurar uma melhor qualidade de vida e o pleno desenvolvimento pessoal e social dos cidadãos.

---

<sup>2</sup> Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 90, de 2015)

Parágrafo único. Todo brasileiro em situação de vulnerabilidade social terá direito a uma renda básica familiar, garantida pelo poder público em programa permanente de transferência de renda, cujas normas e requisitos de acesso serão determinados em lei, observada a legislação fiscal e orçamentária. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 114, de 2021) (Vide Lei nº 14.601, de 2023)

<sup>3</sup> Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

§ 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à: (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

I defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

II produção, promoção e difusão de bens culturais; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

III formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

IV democratização do acesso aos bens de cultura; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

V valorização da diversidade étnica e regional. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

A partir desse contexto, a relação entre geografia, turismo e lazer pode ser analisada por um ponto comum: o espaço, que se transforma para que as atividades ocorram sobre a superfície terrestre, passível de análise e de ser graficamente representada por meio da cartografia. O desenvolvimento de mapas é um dos campos de conhecimento que compõe a Ciência Geográfica, permitindo ampliar a análise da relação entre a geografia e o turismo através de produtos cartográficos distintos, como, planejamento estratégico, logística de mobilidade dos turistas, oferta de serviços, orientação de turistas e/ou excursionistas, população local, entre outras possibilidades de análise.

A atividade turística tem o potencial de (re)configurar o território e produzir territorialidades ao organizar e investir em equipamentos, serviços e infraestrutura pensando no bem-estar dos turistas, tal qual a teoria de turistificação, proposta por Remy Knafou. A utilização da cartografia turística ocorre a partir de duas grandes necessidades: como recurso de planejamento e desenvolvimento da prática social do turismo, colaborando com as etapas de diagnóstico e identificação da potencialidade turística, bem como a real implantação do espaço turístico e a avaliação de suas atividades; para orientação do visitante, auxiliando da chegada (planejamento) até o destino. No local, pode ser mais um recurso de informação na relação com as placas que indicam restaurantes, bancos, praças e outros lugares de interesse do visitante. Além disso, podem ser usados pelo morador local para informação sobre pontos de lazer em sua própria cidade.

Posto isso, o objetivo geral é analisar a cartografia para o lazer e o turismo como recurso didático com os alunos do ensino fundamental II, fazendo com que percebam que o espaço oferecido aos turistas, também pode ser usufruído pelos moradores locais. Para tanto, os objetivos específicos são:

- a) apresentar os conceitos de turismo e lazer relacionando-os à geografia e à cartografia.
- b) compreender a importância e o uso dos mapas mentais para o desenvolvimento da percepção espacial na prática do lazer e do turismo.
- c) avaliar a atividade empírica desenvolvida por alunos do 8º ano do ensino fundamental II, das redes pública e privada de Petrópolis.

A fundamentação teórica se baseia em dois grandes eixos: a) lazer, turismo, geografia e a caracterização da área de estudo; b) cartografia para o turismo, o lazer e a educação. Ambos serão explorados a partir dos seguintes referenciais bibliográficos:

O eixo lazer e turismo para a geografia estabelecerá a relação entre espaço geográfico e as atividades de lazer e turismo a partir de informações obtidas pelos dados do Instituto

Brasileiro e Geográfico de Estatísticas (IBGE) (2022), que proporciona uma caracterização física do espaço geográfico onde a pesquisa foi desenvolvida. Enquanto Santos (1997, 2008), Raimundo (2009), Rodrigues (1997, 2011), Cruz (2001, 2003) fazem uma relação entre o espaço e a prática social do turismo. Dumazedier (1973, 1999), Bacal (2003), Barreto (1991), Ignarra (2003), Marcellino (1987, 1996, 2000, 2002, 2010), Trigo (2000), Camargo (2001) trabalham os conceitos de turismo e lazer, além do produto turístico como resultado dessa relação entre os dois conceitos. E Silveira (2002), Moesch (2000), Sancho (2001), Frigoletto (2000), Rodrigues (2011), Godbey (1990), Souza (2010), Smith (1989), Amaral Junior (2008), Valduga (2012), Telles e Valduga (2015), Gomes (2004), Fernandes (1979), Pinto (2009), Barbosa (2002) e Ruschamann (1997) apontam a aplicabilidade da atividade turística e suas demandas, assim como a função social do turismo.

O eixo cartografia para o turismo e lazer, e a educação dialogará com Raisz (1969), Bertin (1967), Archela e Thevy (2008), Joly (2005), autores que dividem a cartografia em sistemática e temática, enfatizando a segunda. Enquanto Menezes e Fernandes (2003), Fernandes, Menezes, Silva (2008), Fiori (2010, 2011, 2020) colaborarão na discussão sobre a importância da cartografia para o lazer e o turismo. Por fim, Silva (2020, 2023), Burda e Martinelli (2014), Oliveira (2005), Soneiro (1991), Gomes (2017), Meynen (1999), Gould e Bailly (1995), Palsky (1996), Clunton (1983), apresentarão a cartografia como produto de base para as atividades provindas do turismo.

A metodologia da pesquisa se divide em dois momentos: atividades práticas com os alunos de 8º ano do ensino fundamental II do Instituto Metodista de Petrópolis e da Escola Municipal Professora Jandira Peixoto Bordignon, que desenvolveram representações (mapas mentais) sobre espaços turísticos de lazer em Petrópolis. Seguida da coleta de dados, com a análise das atividades práticas, tendo como referência a cartografia para o lazer e o turismo, e sua utilização como recurso didático. Essa etapa é de extrema importância por evidenciar que o espaço oferecido aos turistas também pode ser usufruído pelos moradores locais.

A sequência da dissertação divide-se em: apresentação e contextualização de objetivos a serem alcançados pela pesquisa; “Geografia e o espaço para o turismo e o lazer: um destino chamado Petrópolis”, capítulo que aborda a importância do turismo e do lazer no mundo contemporâneo, colocando o espaço enquanto produto de consumo pelo turista, mas, principalmente, como lugar de cidadania quando se refere ao morador local. Seguida da caracterização do município, considerando a prática social do lazer e do turismo. “Cartografia para o turismo e o lazer: representação cartográfica de um lugar” é o capítulo que disserta sobre a cartografia e o porquê do desenvolvimento de mapas temáticos para o turismo e o lazer. Além

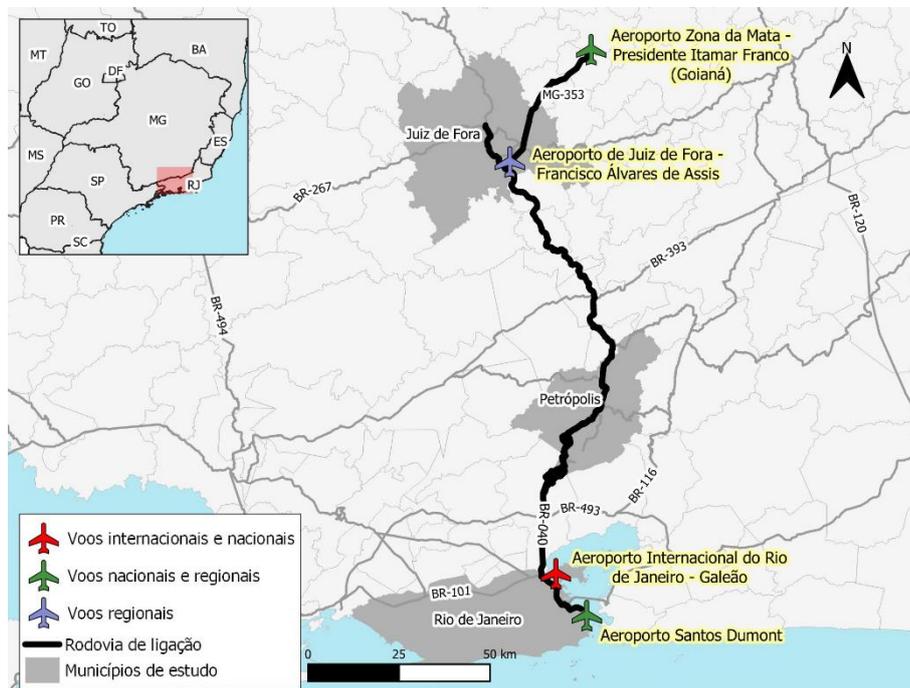
de abordar a relação entre a cartografia e a educação, utilizando os mapas mentais. “Representando Petrópolis e outros destinos: cartografia e a eficácia de recursos didáticos” aborda a pesquisa realizada com os alunos do 8º ano através da produção dos mapas mentais sobre a temática do turismo e lazer em Petrópolis. Encerrando com as considerações finais e resultados obtidos ao longo da pesquisa.

## 2 GEOGRAFIA E O ESPAÇO PARA O TURISMO E O LAZER: UM DESTINO CHAMADO PETRÓPOLIS

### 2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO: O DESTINO TURÍSTICO PETRÓPOLIS, A CIDADE IMPERIAL

Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro, é um município de turismo consolidado, que possui forte desenvolvimento dessa atividade, até por sua proximidade com os municípios do Rio de Janeiro (RJ) e de Juiz de Fora (MG). A Figura 1 ressalta quatro aeroportos próximos: um de circulação regional (Presidente Itamar Franco), dois de circulação regional e nacional (Francisco de Assis e Santos Dumont) e um com fluxo nacional e internacional (Galeão). Além deles, uma rodovia federal de grande circulação atravessa o município: a BR-040 (Presidente Juscelino Kubitschek), que liga o Distrito Federal ao Rio de Janeiro.

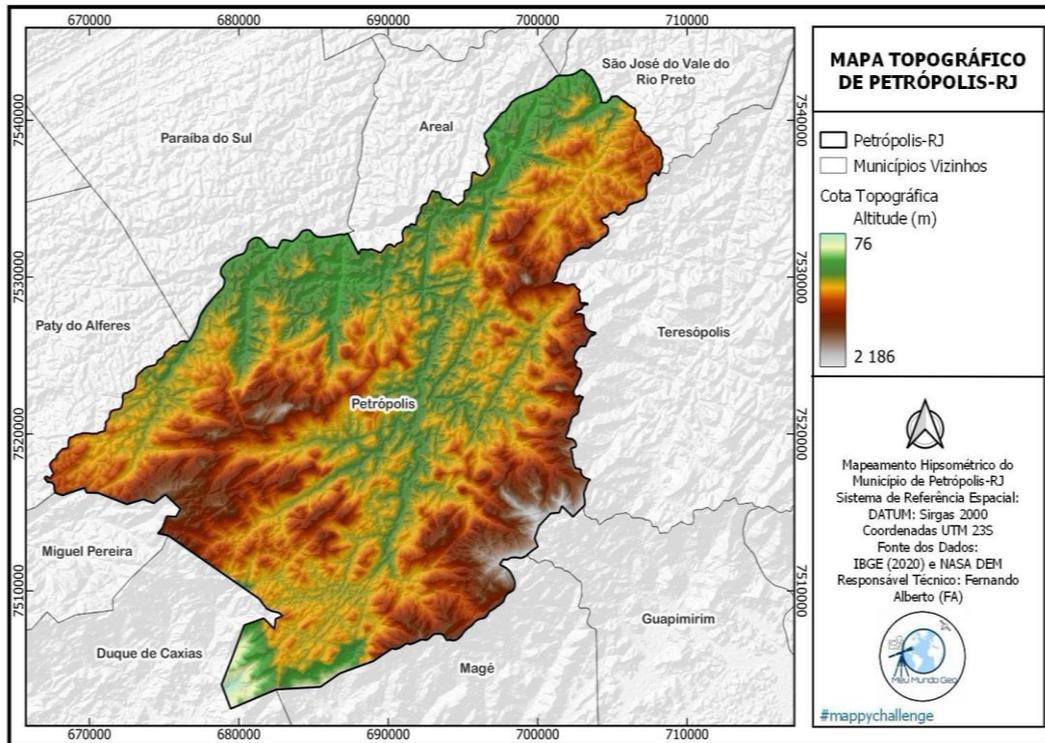
Figura 1 – Petrópolis e infraestrutura: aeroportos e rodovias



Fonte: Autoria própria (2022)

O município de Petrópolis está localizado no topo da Serra da Estrela, pertencente à Serra dos Órgãos, no interior do estado do Rio de Janeiro, com uma população estimada em 278,881 habitantes, segundo o último censo do IBGE (Figura 2).

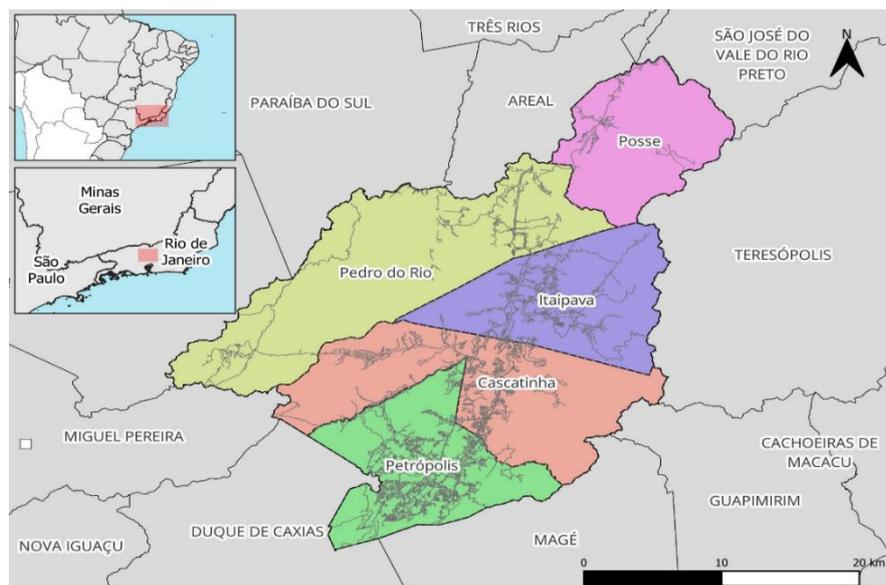
Figura 2 – Mapa Topográfico de Petrópolis



Fonte: Spatial Mode (2024)

O município está subdividido em cinco áreas distritais, respectivamente: Petrópolis, Cascatinha, Itaipava, Pedro do Rio e Posse (Figura 3).

Figura 3 – Distritos de Petrópolis



Fonte: Autoria própria (2022)

Os grandes fluxos turísticos e áreas de lazer se concentram no primeiro distrito (Petrópolis), enquanto o segundo (Cascatinha) é um conjunto de bairros mais voltado a população residente, não por acaso é um distrito que concentra grande parte da população petropolitana com aproximadamente 64.936 habitantes, segundo a Rede Social Brasileira por Cidades Juntas e Sustentáveis (2024). O terceiro (Itaipava) também possui elementos voltados ao lazer diurno e noturno, em contrapartida, o quarto (Pedro do Rio) e quinto (Posse) distritos são voltados à produção industrial e rural como a produção de alimentos orgânicos. Devido à maior complexidade em relação aos espaços de lazer e turismo, a pesquisa se concentra no primeiro distrito.

O primeiro distrito conta com alguns serviços e equipamentos disponíveis ao turismo, como as agências de receptivos, guias de turismo e transportadoras turísticas. Desde 2007, Petrópolis mantém destaque como um dos 75 destinos indutores do desenvolvimento turístico regional no país, segundo o Ministério do Turismo. Os destinos são avaliados anualmente pelo MTur, pela Fundação Getúlio Vargas e pelo SEBRAE Nacional, segundo o Índice de Competitividade do Turismo Nacional, em treze dimensões, sendo uma delas o “Monitoramento” (Turispetro, 2023).

Visando conhecer, analisar, avaliar e monitorar os indicadores do desempenho do turismo em Petrópolis para dar suporte ao planejamento, estruturação, captação de recursos, de investimentos e promoção do município como destino turístico, a Prefeitura de Petrópolis criou o Observatório Regional do Turismo (ORT) na estrutura administrativa da Diretoria de Turismo, da Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis (FCTP), através da Lei n. 6.769/10. O ORT foi instalado em novembro de 2013 e tem como objetivos monitorar o fluxo turístico do município e da Região Turística Serra Verde Imperial – que, além de Petrópolis, inclui Teresópolis, Nova Friburgo, Cachoeiras de Macacu e Guapimirim –, produzir e divulgar regularmente informações e indicadores estatísticos da atividade turística, promover a atualização do Inventário da Oferta Turística, realizar pesquisas para conhecer o perfil da demanda turística, além de avaliar os impactos econômicos, ambientais e sociais sobre a cadeia produtiva do turismo (Turispetro, 2023).

O ORT é um instrumento decisivo para orientar as políticas de turismo, tomar decisões sobre investimentos e gerar a expansão e a criação de novos negócios. Todas as informações e pesquisas produzidas pelo observatório são disponibilizadas em *.PDF*, anualmente, no site da

Turispetro<sup>4</sup> e servem de subsídio aos profissionais do “trade”, acadêmicos e agentes públicos e privados.

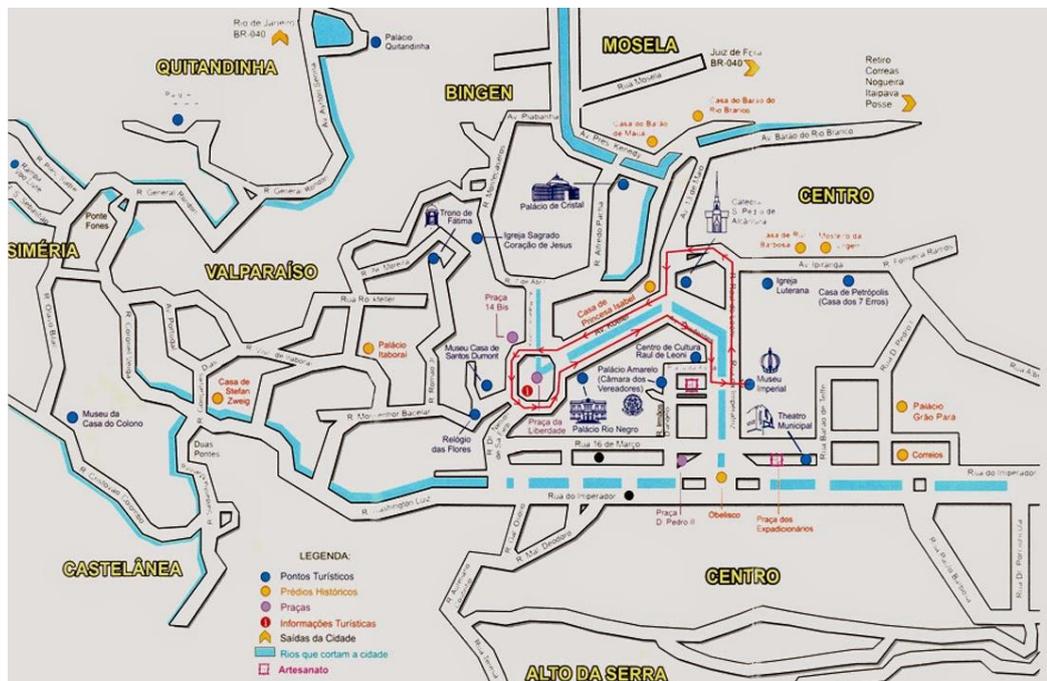
Figura 4 – Site da Turispetro



Fonte: Turispetro (2024)

O primeiro distrito concentra a maioria dos atrativos visto que os principais pontos culturais estão, principalmente, no Centro Histórico. Nele, também se concentra a maior oferta de hotéis, *hostéis* e pousadas, assim como restaurantes, bares e *shoppings* (Figuras 5 e 6).

Figura 5 – Mapa dos pontos turísticos do Centro Histórico



Fonte: Mapas Blog (2024)

<sup>4</sup> Ver mais em: <https://www.petrópolis.rj.gov.br/turispetro/>.



O turismo gera fluxo econômico de grande magnitude, impactando os destinos. A exemplo, Trigo (2000) define o turismo como uma atividade sofisticada que movimenta bilhões de dólares anuais, atingindo centenas de milhares de pessoas. Por isso, inúmeras localidades no mundo transformaram-se em complexos turísticos pelas mais variadas razões. O turismo enquanto prática social é um dos fenômenos mais dinâmicos e complexos da sociedade contemporânea, com forte incidência na produção, na transformação e na organização do território. Nas últimas décadas, essa prática social no espaço vem atraindo pesquisadores das mais distintas formações, dentre eles, geógrafos e outros pesquisadores, que reconhecem a relevância da abordagem do turismo em uma perspectiva científica (Silveira, 2002).

Segundo Dumazedier, 1999; Camargo, 2001; Bacal, 2003 e Amaral Junior, 2008 *apud* Martins e Fiori (2020), a ascensão do turismo de massa, em meados da década de 1970, não foi por acaso, isto porque, acontecimentos tecnológicos fizeram com que houvesse uma “diminuição do espaço” por meio do desenvolvimento dos meios de transporte (trem, carro, avião) e da comunicação (rádio, televisão, internet). Soma-se, ainda, os acontecimentos socioeconômicos, que resultaram em uma diminuição paulatina do tempo de trabalho, e aumento do tempo livre (por meio de lutas sangrentas, criação de sindicatos, etc.), que possibilitaram as melhorias das condições de vida e salário da massa trabalhadora. A melhoria das condições de trabalho no mundo possibilitou o aumento do número de pessoas na classe média em um número maior de países (não somente os de primeiro mundo), bem como a elevação do tempo escolar da população.

Considerando a perspectiva do crescimento do turismo de massa, percebe-se a necessidade de estudar esses deslocamentos e compreender as profundas transformações do espaço. Tal área de estudo é conhecida por geografia do turismo, que se destina a compreender as transformações produzidas no espaço geográfico a partir das atividades turísticas e de lazer. Segundo Rodrigues (2011), o estudo do turismo no âmbito da geografia se acentua a partir da década de 1960, respondendo ao acelerado desenvolvimento do fenômeno ligado à prosperidade econômica, que marcou o período de pós-guerra nos países centrais do capitalismo.

A base de estudo da geografia do turismo é compreendida pela análise do espaço turístico e de sua complexidade. Para Rodrigues (2011), o turismo, na sua enorme complexidade, reveste-se de tríplice aspecto com incidências territoriais específicas em cada um deles. Trata-se de um fenômeno que apresenta áreas de dispersão (emissoras), áreas de deslocamento e áreas de atração (receptoras); Cruz (2001) complementa que o espaço turístico é formado por três grandes porções do espaço geográfico, compreendidas pela produção e pelo

consumo, a saber: o espaço emissor, que emite os fluxos turísticos, o espaço receptor, que recebe os fluxos turísticos, e o espaço de deslocamento, caminho percorrido para chegar ao destino turístico.

Desta forma entende-se o espaço turístico como espaço de desterritorialização, reterritorialização e multiterritorialidade, perpassando pelas práticas da mobilidade e formada também pelas redes técnicas, que podem ser imperfeitas, mas permitem os fluxos<sup>5</sup> (Valduga, 2012), que somados aos fixos<sup>6</sup>, compõem o espaço geográfico (Santos, 2008). Segundo Telles e Valduga (2015), o espaço turístico compreende-se como uma categoria base para as abordagens metodológicas que se apoiam em outros conceitos de grande relevância nas pesquisas em turismo, tais como: paisagem, lugar, região, planejamento territorial, gestão.

Compreender o fenômeno do turismo é um assunto de ampla discussão, pois essa área de estudo envolve uma diversidade de profissionais que analisa a temática do turismo a partir de seus interesses. O estudo geográfico do turismo compreende o fenômeno enquanto prática social e atividade econômica, via uma relação de consumo dos diferentes objetos geográficos de determinado contexto. A partir dessa lógica, observa-se como o espaço é fluído e passível de transformações e modificações, confirmando que o turismo pode ser visto como um fator importante para a análise do espaço geográfico. Na geografia do turismo, o estudo desse espaço utilizado pela atividade turística deve ser compreendido em sua totalidade, em decorrência da reprodução de várias ações que interferem na dinâmica da cidade turística.

[...] essencialmente movimento de pessoas e atendimento a suas necessidades, assim como às necessidades das outras pessoas, que não viajam. O turismo é o fenômeno de interação entre o turista e o núcleo receptor e de todas as atividades decorrentes dessa interação. É uma atividade multidisciplinar [...] (Barretto, 1991, p. 43).

Nas três porções do espaço turístico, estão presentes os quatro elementos formadores da oferta turística<sup>7</sup>: infraestrutura básica, atrativos, equipamentos e serviços turísticos, e equipamentos e serviços de apoio ao turismo. As infraestruturas básicas são construções no espaço que pré-condicionam o desenvolvimento, melhoria da atividade turística, tais como saneamento básico, rodovia, rodoviária, linhas de trem e metrô, coleta de lixo, rede de internet,

---

<sup>5</sup> Produtos, pessoas, mercadorias, informações que irão se relacionar aos fixos.

<sup>6</sup> Estrutura física das cidades, espacialidade urbana.

<sup>7</sup> A Organização Mundial do Turismo (OMT) e Ruschmann (1997) definem a oferta turística como o conjunto de produtos turísticos postos à disposição do turista num determinado destino para seu desfrute e consumo (Sancho, 2001). Nesse cenário, os atrativos naturais e culturais, o transporte, o comércio, restaurantes, hotéis e demais serviços serão voltados direta ou indiretamente para os turistas que se deslocam no espaço para usufruir desses elementos espaciais.

rede de água e esgoto, que condizem com o mínimo necessário para o desenvolvimento da atividade turística (Ignarra, 2003, p. 71).

A infraestrutura básica de uma destinação turística também é elemento fundamental para viabilização da atividade, a sua implementação em determinada localidade depende da disponibilidade de alguns insumos básicos. Um resort, por exemplo, a ser implantado em uma praia deserta precisará levar até lá a energia elétrica, a rede de esgoto etc. Sem estes elementos básicos, o empreendimento torna-se inviável (Ignarra, 2003, p. 71).

Em complemento, Ignarra (2003, p. 73) desenvolve um quadro com os elementos de infraestrutura básica e os seus tipos principais, ressaltando que a capacitação de recursos humanos é o quesito de maior importância e que, além dos elementos listados, existem outros indispensáveis.

Tabela 1 – Infraestrutura básica

<b>Infraestrutura</b>	<b>Tipos</b>
<b>Acessos</b>	Rodovias; Ferrovias; Fluviovias; Terminais de passageiros aéreos, rodoviários, ferroviários, marítimos, fluviais;
<b>Saneamento</b>	Captação, tratamento e distribuição de água; Coleta, tratamento e despejo de esgotos; Coleta e tratamento de lixo
<b>Energia</b>	Produção e distribuição de energia
<b>Comunicações</b>	Rede de telefonia comum e celular, antenas de captação de rádio e televisão, serviços de correios, agências telegráficas, postos telefônicos
<b>Vias urbanas de circulação</b>	Implantação, conservação, sinalização
<b>Abastecimento de gás</b>	Distribuição
<b>Controle de poluição</b>	Ar, água, som,
<b>Capacitação de recursos humanos</b>	Formação e aperfeiçoamento de mão-de-obra

Fonte: Ignarra, 2003, p. 73

A seguir, apresentam-se dois exemplos relacionados à infraestrutura básica relacionadas ao turismo de Petrópolis: o Terminal Rodoviário Governador Leonel Brizola (Figura 7) e um trecho da Rodovia BR-040 (Figura 8).

Figura 7 – Terminal Rodoviário Governador Leonel Brizola



Fonte: Acontece em Petrópolis (2024)

Figura 8 – Trecho da Rodovia BR-040



Fonte: Acontece em Petrópolis (2024)

Serviços turísticos, como restauração, acomodação, atividades de lazer, meios de transporte exclusivos para o turismo, atendem exclusiva ou preferencialmente aos turistas (Ignarra, 2003, p. 63).

Tabela 2 – Tipos de Serviços turísticos

<b>Tipos</b>	<b>Subtipos</b>
<b>Meios de hospedagem</b>	Hotéis, motéis, <i>flats</i> , pousadas, pensões, pensionatos, hospedarias, <i>campings</i>
<b>Alimentação</b>	Restaurantes, lanchonetes, sorveterias, cafés, cervejaria, quiosques de praia
<b>Agenciamento</b>	Agências emissivas e receptoras
<b>Transportes turísticos</b>	Aéreo, rodoviário, ferroviário, aquático
<b>Locação de veículos e equipamentos</b>	Carros, motos, bicicletas, embarcações, equipamentos esportivos
<b>Eventos</b>	Organizadores de eventos e fornecedores de produtos e serviços.
<b>Espaços de eventos</b>	Centro de convenções, bufês, áreas de exposição, áreas de eventos culturais
<b>Entretenimentos</b>	Bares, boates, cinemas, teatros, parques de diversão, parques temáticos, mirantes, belvederes.
<b>Informação turística</b>	Guias, mapas, postos de informação, centrais de informações turísticas
<b>Passeios</b>	Cavalo, helicóptero, barco
<b>Comércio turístico</b>	<i>Souvenirs</i> , joalherias, artesanato, produtos típicos.

Fonte: Ignarra, 2003, p. 63

Segundo Ignarra (2003, p. 67), conceitos relevantes na análise dos serviços turísticos são o da oferta concorrente, que disputa o mesmo consumidor, e o de oferta complementar, que contribui para a venda de determinado serviço. A seguir, apresentam-se dois exemplos relacionados aos serviços relacionados ao turismo em Petrópolis, respectivamente: Grande Hotel Petrópolis (Figura 9) e Feira de Artesanato de Itaipava (Figura 10).

Figura 9 – Grande Hotel Petrópolis



Fonte: Tripadvisor (2024)

Figura 10 – Feira de Artesanato de Itaipava



Fonte: Agenda News (2024)

Existem ainda os serviços públicos de apoio ao turista, utilizados pelos moradores no destino, mas que também podem ser utilizados pelos turistas, como ônibus, trem, avião, táxi, bancos, hospitais. Os serviços de apoio ao turismo são provenientes de serviços públicos e privados, e fornecem a estrutura de logística para o turista. Segundo Ignarra (2003), esses serviços são muito importantes para viabilizar fluxos turísticos e se diferem dos serviços turísticos por não terem turistas como seus únicos usuários. São serviços de suma relevância tanto para a população local como para os visitantes.

Os transportes (trem de superfície, trem de metrô, ônibus) podem ser um serviço de apoio ao proporcionar a chegada aos espaços visitados, requerendo a comparação entre preços, qualidade, tempo e demais características. A tabela 3 descreve os serviços públicos citados por Ignarra (2003, p. 73), mas não esgota todos os tipos necessários ao apoio ao turista.

Tabela 3 – Serviços públicos de apoio ao turismo

<b>Serviços</b>	<b>Tipos</b>
<b>Transportes</b>	Táxi, ônibus, bonde, aeroporto
<b>Serviços bancários</b>	Agências bancárias, caixas eletrônicos, serviços de câmbio
<b>Serviços de saúde</b>	Farmácias, pronto-socorro, hospitais, clínicas
<b>Serviços de segurança</b>	Polícia turística, corpo de bombeiros
<b>Serviços de informação</b>	Posto de informações turísticas, sinalização turística, mapas e guias turísticos locais
<b>Serviços de comunicações</b>	Postos telefônicos, internet
<b>Serviços de apoio a automobilistas</b>	Posto de abastecimento, oficinas mecânicas, borracheiros, loja de autopeças
<b>Comércio turístico</b>	Lojas de conveniências, lojas de artesanatos, loja de produtos típicos

Fonte: Ignarra, 2003, p. 73

As figuras 11, 12, 13, 14, 15 e 16 exemplificam um tipo de serviço público de apoio ao turismo: os Centros de Informações Turísticas, espalhados por vários pontos da cidade de Petrópolis.

Figura 11 – Centro de Informações Turísticas – Pórtico Quitandinha



Fonte: SindPetrópolis (2024)

Figura 12 – Centro de Informações Turísticas – Praça da Liberdade, Centro



Fonte: SindPetrópolis (2024)

Figura 13 – Posto de Informação Turística – Centro da Moda, Rua Teresa, Centro Histórico



Fonte: Acontece em Petrópolis (2024)

Figura 14 – Posto de Informação Turística – Centro de Cultura Raul de Leoni, Centro Histórico



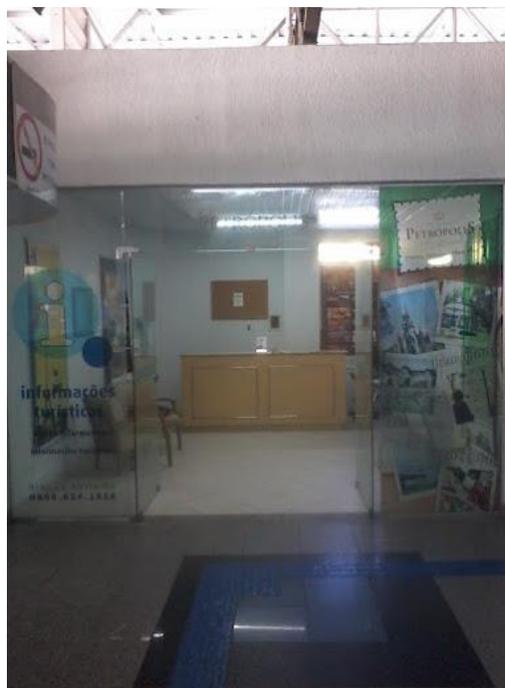
Fonte: Guia de Petrópolis (2024)

Figura 15 – Posto de Informação Turística – Parque Municipal de Petrópolis, Itaipava



Fonte: SindPetrópolis (2024)

Figura 16 – Posto de Informação Turística da Rodoviária Gov. Leonel Brizola, Bingen



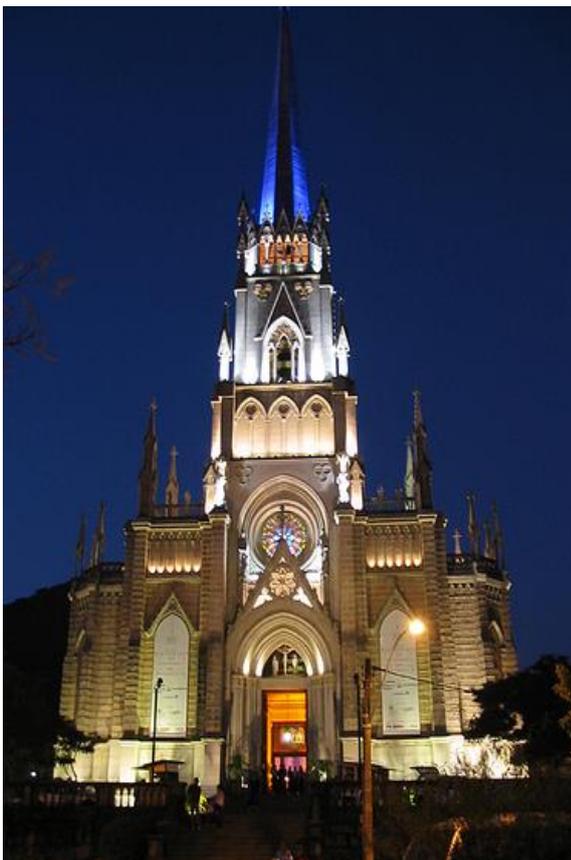
Fonte: SindPetrópolis(2024)

Os atrativos turísticos são patrimônios de um destino turístico que levam os turistas (de lazer) a se deslocar. Segundo Ignarra (2003), o turista procura sempre querer conhecer aquilo que é diferente do seu dia a dia. Assim, o atrativo único possui maior valor para o turista. A importância dos atrativos se dá por atender todas as especificações necessárias para

comercialização desses locais, com responsabilidade social, ambiental e cultural; eles constituem o diferencial de uma determinada região turística e são responsáveis por promover os fluxos de visitantes. O consumidor escolhe o destino que irá visitar em função da experiência turística (patrimônio) que o destino oferece; esta se divide em dois grandes grupos: naturais e culturais - material, imaterial, imóvel, móvel (Ignarra, 2003; Iphan, 2024):

Os atrativos culturais representam a história e a cultura local e os culturais se dividem em materiais e imateriais. Os atrativos materiais estão relacionados aos elementos construídos (móveis e imóveis) que preservam a herança cultural, como prédios e sítios históricos, acervos museológicos e documentais. Petrópolis tem como exemplos de turismo cultural imóvel: a Catedral São Pedro de Alcântara (Figura 17), o Hotel Quitandinha (Figura 18), o Museu Imperial (Figura 19), a Casa de Santos Dumont (Figura 20), a Casa da Princesa Isabel (Figura 21), a Cervejaria Bohemia (Figura 22), o Palácio de Cristal (Figura 23), o Palácio Amarelo (Figura 24), o Palácio Rio Negro (Figura 25) e a Igreja Luterana (Figura 26).

Figura 17 – Igreja Catedral São Pedro de Alcântara, Centro Histórico



Fonte: Diocese de Petrópolis (2024)

Figura 18 – Hotel Quitandinha, Quitandinha



Fonte: Viaje na viagem (2024)

Figura 19 – Museu Imperial, Centro Histórico



Fonte: Cidade e Cultura (2024)

Figura 20 – Casa de Santos Dumont, Centro Histórico



Fonte: Sou Petrópolis (2024)

Figura 21 – Casa da Princesa Isabel, Centro Histórico



Fonte: Casa Senhorial (2024)

Figura 22 – Cervejaria Bohemia, Centro Histórico



Fonte: Revista Beer ART (2024)

Figura 23 – Palácio de Cristal, Centro Histórico



Fonte: Diário de Petrópolis (2024)

Figura 24 – Palácio Amarelo, Centro Histórico



Fonte: O Globo (2024)

Figura 25 – Palácio Rio Negro, Centro Histórico



Fonte: Mineiros na Estrada (2024)

Figura 26 – Igreja Luterana, Centro Histórico



Fonte: Tripadvisor (2024)

Como exemplo de atrativo cultural móvel, a coroa de D. Pedro II (Figura 27), e atrativo imaterial o tradicional “Pão Petrópolis” (Figura 28). Os atrativos imateriais estão relacionados aos saberes de um povo, transmitidos de geração em geração, formando tradições por meio de práticas e técnicas cotidianas, crenças, que expressam o modo de ser de uma sociedade, como a música, a gastronomia, as danças e demais artefatos. Uma festividade de Petrópolis muito conhecida nesse aspecto é a *Bauernfest*, festa que celebra a chegada dos colonos alemães (Figura 29).

Figura 27 – Coroa de D. Pedro II, Museu Imperial, Centro Histórico



Fonte: Império Brazil (2024)

Figura 28 – Pão Petrópolis



Fonte: Gazeta do Povo (2024)

Figura 29 – *Bauernfest*, Centro Histórico

Fonte: Mala de Aventuras (2024)

Os atrativos naturais são definidos como aqueles que possuem relevância ecológica e ambiental, como montanhas, praias, cachoeiras, cavernas e outros. Em Petrópolis, há o Orquidário Binot (Figura 30), o Santuário Vale do Amor (Figura 31), o Parque Natural da Ipiranga (Figura 32), o Parque Nacional da Serra dos Órgãos (Figura 33) e o Parque Cremerie (Figura 34) entre os atrativos naturais mais procurados.

Figura 30 – Orquidário Binot, Retiro



Fonte: Fui ser viajante (2024)

Figura 31 – Santuário Vale do Amor, Fazenda Inglesa



Fonte: SouPetrópolis (2024)

Figura 32 – Parque Natural da Ipiranga, Centro Histórico



Fonte: SouPetrópolis (2024)

Figura 33 – Parque Nacional da Serra dos Órgãos, Bonfim



Fonte: SouPetrópolis (2024)

Figura 34 – Parque Cremerie, Independência



Fonte: SouPetrópolis (2024)

Todos esses elementos compõem a oferta turística e são imprescindíveis para a realização da prática do turismo (de lazer).

De um lado, conjunto de turistas; do outro, os fenômenos e relações que esta massa produz em consequência de suas viagens. Turismo é todo o equipamento receptivo de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, guias-intérpretes que o núcleo deve habilitar, para atender às correntes. Turismo é o conjunto das organizações privadas ou públicas que surgem, para fomentar a infraestrutura e a expansão do núcleo. Também são os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras (Moesch, 2002, p. 11).

No entanto, a dissertação se preocupa mais efetivamente com um tipo específico de espaço turístico: aquele voltado as atividades de lazer. Para Fiori (2010), o turismo não se reduz ao lazer, pois também é possível realizar viagem de negócios, de saúde, para visitar um parente, sem necessariamente realizar uma atividade de lazer. Por outro lado, Frigoletto (2000) explica que o turismo de lazer é o fenômeno que surge de visitas temporárias (ou estadas fora de casa) fora do local de residência habitual, por qualquer motivo que não seja uma ocupação remunerada no local visitado ou atividade científica. Segundo Marcellino (1996), o lazer está relacionado a atividades que atendam alguns valores ligados aos critérios de tempo e de atitude.

O lazer considerado como atitude será caracterizado pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, basicamente a satisfação provocada pela atividade. O lazer ligado ao aspecto tempo, considera as atividades desenvolvidas no tempo liberado do trabalho ou no tempo livre, não só das obrigações profissionais, mas também dos familiares, sociais e religiosas (Marcellino, 1996, p. 8).

O lazer pode ser compreendido a partir do conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode se entregar de livre vontade seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se ou entreter-se, ou, ainda, para desenvolver sua formação desinteressada, voluntária, de livre capacidade criadora, após o desembaraço das ocupações profissionais, familiares e sociais (Dumazedier, 1973, p. 34).

Pondera-se, então, que a recreação e o entretenimento fazem parte do campo da diversão. Além dos momentos de descanso e de diversão, é importante associar a atividade de lazer ao aspecto cultural de desenvolvimento pessoal (Dumazedier, 1999): ler um livro, aprender um instrumento musical, realizar uma atividade esportiva, assistir a uma peça de teatro ou filme, conversar com amigos, conhecer um lugar (cidade) nova, etc.; em todas essas atividades ocorrem aprendizados, pois, a partir das vivências, são gerados significados, conhecimentos na história do indivíduo. É um tipo de conhecimento informal, não ensinado na escola, mas não menos importante na formação humana e social. Gomes (2004) complementa que o lazer é uma dimensão da cultura constituída pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço, conquistada pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações

dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações – especialmente com o trabalho produtivo. Souza (2010) ratifica que o lazer, por ser um fenômeno historicamente constituído, requer ser pensado a partir de um contexto social, por isso, é importante ser compreendido enquanto uma dimensão da cultura. Segundo Godbey (1990), o lazer é um dos sonhos mais acalentados dos seres humanos, livre do interminável mundo das obrigações, para buscar aquilo que se quer investir de maneira voluntária e prazerosa, ou seja, livre para existir em estado de graça. Marcellino (1996) complementa o pensamento ao dividir o lazer em seis tipos de interesse: artístico, intelectual, físico, manual, social e turístico; classificação importante para compreender as áreas e as alternativas que lazer proporciona.

Os interesses artísticos são aqueles que o imaginário releva através de produções e manifestações artísticas, como os espaços voltados para prática das artes – museus, ou exposições de arte, ou dança –, que podem ser tanto relacionadas à contemplação quanto à produção (obras pessoais de pintura, teatro). Os interesses intelectuais são voltados aos conhecimentos racionais e desenvolvimento do intelecto, como o hábito da leitura, participação em cursos não relacionados ao trabalho, mas aos *hobbies*, e jogo de xadrez. Os interesses físicos são para as práticas esportivas e de exercícios físicos, projetados em espaços particulares e/ou públicos, motivado pela área da saúde, como vôlei, natação, ioga e pesca. Os interesses manuais são voltados para as práticas de atividades por manipulação, como a transformação de objetos ou materiais (prática da cerâmica, aeromodelismo, carpintaria), lida com a natureza (jardinagem e cuidado com os animais), culinária (quando por *hobby*). Interesses sociais são produzidos através do convívio social, do relacionamento interpessoal, ou seja, as atividades precisam ser realizadas em grupo (duas ou mais pessoas), podem acontecer em diferentes locais: associações e clubes, bares, restaurantes, bailes, danceteria, passeios (excursões, viagens), etc. Os interesses turísticos são produzidos pela quebra na rotina (tempo-espaço), ou seja, novas experiências de vida (paisagens, pessoas, costumes, cultura) através de passeios e viagens.

Mais recentemente, surgiu o lazer virtual, atividades realizadas por meio de jogos e plataformas digitais. O acesso à informação, possibilidades de baixar músicas, filmes, conversar com pessoas do mundo todo, assistir à televisão, ouvir rádio, fazer ligações telefônicas, procurar informações turísticas (Santiago, 2011, p.17). Schwartz (2003) propõe que a inserção do conteúdo virtual do lazer em diferentes atividades pode ser vivenciada em um ambiente que permita a participação criativa, com valores e éticas particulares.

Conteúdo virtual [...] configura-se como um elemento do tempo presente, com linguagem própria, capaz de alterar, até mesmo, o setting vivencial, isto é, onde a pessoa pode usufruir de novas dinâmicas de acesso cultural, exigindo novas posturas,

novas demandas e novos olhares, sem o ranço preconceituoso que normalmente perpassa toda e qualquer novidade (Schwartz, 2003, p. 29-30).

O conjunto dos interesses do lazer podem ser realizados em espaços públicos e/ou privados, divididos em equipamentos específicos e não específicos de lazer (Schwartz, 2003). Os equipamentos específicos do lazer são locais construídos para a recreação, o entretenimento, e o desenvolvimento pessoal, como clubes, quadras poliesportivas, cinemas, parques de diversão, ciclovias, dentre outros; enquanto os equipamentos não específicos do lazer são espaços originalmente não construídos para o lazer, mas que, às vezes, acabam cumprindo esse papel, como as ruas, praças, casa e escola. Em alguns casos, segundo Schwartz (2003), há a má utilização dos espaços não específicos em decorrência das atividades de lazer.

Em se tratando de equipamentos não específicos de lazer, as escolas contam com grandes possibilidades, em termos de espaço, nos vários campos de interesse: quadras, pátios, auditórios, salas etc. Devem-se considerar ainda seus períodos de ociosidade, em férias e fins de semana, e a existência, que pelo menos deveria ocorrer, de vínculos com a comunidade próxima. No entanto, a tão propalada abertura comunitária desses equipamentos não vem se verificando, dos riscos de depredação (Fernandes, 1979, p. 81).

Outro ponto importante, é que os equipamentos de lazer, em sua maioria, não são bem oferecidos principalmente para as populações de baixa renda que enfrentam muitas barreiras para a prática do lazer (Marcellino, 2010).

Pensar em lazer é propor-se a enfrentar barreiras que são de cunho socioeconômico (a cultura da sociedade apresenta o lazer como mercadoria, onde o sujeito tem de comprar seu lazer); de diferenças socioculturais, de gênero; de centralização dos equipamentos de lazer, tanto nas pequenas como nas grandes cidades; de meios de transporte; de idade (as crianças, os adolescentes e idosos são mais prejudicados, pois ambos não possuem autonomia e nem liberdade para fazerem suas próprias escolhas); de conservação dos equipamentos (ausência de políticas públicas); de ausência de animação sociocultural; de ausência de segurança (voltamos para ausência de políticas públicas) e até mesmo acessibilidade para os necessitados (Marcellino, 2002, p. 14).

O lazer visa à “alfabetização cultural” em várias vias e de forma contínua, sendo um direito constitucional. A Constituição Federal, em seus artigos 6º e 215º, reconhece a todos os brasileiros o direito à cultura e ao lazer, essas garantias visam assegurar uma melhor qualidade de vida e o pleno desenvolvimento pessoal e social dos cidadãos. A alfabetização cultural pode ser compreendida como o contexto da diversidade cultural, voltado à prática do lazer, entendendo o processo de transformação dos espaços e suas dinâmicas sociais (Marcellino, 2010). Esse direito não aconteceu por acaso, pois, a partir do contexto histórico, a literatura relacionou o conceito de lazer à vivência nas cidades, e ao processo de urbanização, com grande influência na produção de obras e de estudos sobre esse conceito (Marcellino, 2010).

Em Marcellino (1996), há uma comparação sobre os estudos do lazer no Brasil e na Europa. Enquanto no continente europeu, o lazer começa a ser relacionado ao processo da Revolução Industrial, ao dia a dia nas fábricas e ao aproveitamento do tempo ocioso, com o crescimento e a influência sindical; no Brasil, o assunto é recente e mais associado ao processo de urbanização da vida nas grandes cidades. Ao pensar no processo brasileiro de urbanização tardia, e, por consequência, na demora para se tornar um país industrializado, nota-se que a preocupação com os estudos sobre o lazer é também recente. O primeiro livro que abordou o assunto foi publicado em 1959, intitulado “Lazer Operário”, de José Acácio Ferreira. (Marcellino, 1996).

O lazer é resultado de uma conquista da sociedade e tem relação direta com a cidadania, o direito ao tempo livre e seu aproveitamento. No mundo capitalista, e, principalmente, nas relações trabalhistas, o tempo é o que mede a força de trabalho disponibilizada para o exercício de uma atividade profissional. “Tudo se mede em tempo e se valoriza pelo tempo: é o valor do tempo de trabalho que fixa o custo de produtos e serviços cuja mais-valia permitirá a compra de mais tempo, proporcionando diretamente que um maior número de pessoas possa utilizar sua força de trabalho” (Marx, 1867 *apud* João, 2018). No campo trabalhista, o direito ao descanso semanal de 24 horas, exemplificativamente, foi assegurado pela CF de 1937, no artigo 137, “d”, e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) dispôs no mesmo sentido, acrescentando, inclusive, intervalo de 11 horas entre jornadas de trabalho. Dessa forma, entende-se que é extremamente necessário o tempo livre, bem como seu aproveitamento um direito constitucional, que agrega valor à vida humana.

Segundo Marcellino (1996), pode-se contar com um bom número de títulos que analisam o lazer da criança, ou da terceira idade, bem como bibliografias específicas sobre atividades físico-esportivas, artísticas, turísticas, etc.

A compreensão mais ampla das questões relativas do lazer e seu significado para o homem contemporâneo, pelas próprias características abrangentes desse objeto de estudo, não pode ficar na dependência de uma disciplina exclusiva, exigindo as contribuições das várias Ciências Sociais, da Filosofia e de profissionais ligados direta e indiretamente ao campo, caso de arquitetos, professores de educação física, terapeutas ocupacionais, educadores, trabalhadores sociais, arte educadores etc. (Marcellino, 1996, p. 6).

Por outro lado, o autor também aponta fatores limitantes que inibem ou dificultam a fruição do lazer: barreiras interclasses sociais, questões relacionadas ao gênero, como a dupla jornada de trabalho realizada pelas mulheres; a faixa etária, crianças e idosos por estarem fora do mercado de trabalho possuem menores condições de pagar pelo lazer; e situações de se ignorar populações minoritárias da sociedade, pessoas com deficiência audiovisual e

cadeirantes. A possibilidade de vivência do lazer nem sempre faz parte da vida das pessoas, algumas barreiras socioculturais podem existir entre as diversas classes sociais (interclasses), ou nas próprias classes sociais (intraclasses), e são fatores limitantes a esse acesso (Marcellino, 1987).

As desigualdades produzem profundas segregações, abalando as bases estratégicas de vida dos excluídos. Por isso, uma política de “inclusão com equidade” nos coloca diante do reconhecimento e da valorização das necessidades das pessoas e seu desenvolvimento social e humano, fruto de ações em um conjunto de condições objetivas e subjetivas que proporcionam a qualidade de vida (Pinto, 2009, p. 29).

O que se verifica é que as pessoas geralmente restringem suas atividades de lazer a um campo específico de interesse, e isso não por opção, mas por não tomarem contato com outros conteúdos, seja por desconhecimento, distância, por não poder pagar e outras situações (Pinto, 2009). Não é por acaso que uma parcela muito menor da população consegue realizar o interesse de lazer turístico. Segundo Barbosa (2002), uma das definições da palavra “turismo” refere-se a giro ou círculo, ou seja, à circulação pelo espaço geográfico; enquanto a OMT define turismo como atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período superior a 24 horas e inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outros.

Há muitas dificuldades na definição das palavras turista, viagem, turismo, visitante e termos semelhantes. Estas definições tornam-se especialmente aparentes quando se começa a comparar as definições usadas por vários governos. Tem-se feito progresso em direção ao consenso de definições internacionais, mas ainda existe muita variação na terminologia do turismo doméstico (Smith, 1989, p. 37).

É notório que a primeira coisa a se pensar sobre turismo é o deslocamento do lugar vivido para outro diferente. Conseqüentemente, o deslocamento pelo espaço geográfico é uma das atividades essenciais realizadas pelos turistas, responsáveis por elevar a economia, consumir o espaço e produzir novas dinâmicas locais. Logo, o fluxo de visitantes elevado deve levar ao aumento da infraestrutura, serviços-equipamentos turísticos e de apoio ao turismo (Ignarra, 2003).

Nesse contexto, Camargo (2001) explica que os conceitos de turismo e lazer estão inter-relacionados, porém, possuem dinâmicas e instâncias específicas. Nem tudo o que é lazer reduz-se ao turismo, ou seja, o turismo é uma parcela quantitativamente pouco significativa do lazer (quando se pode pagar, faz-se em períodos específicos do ano), quando comparada a outros interesses, mas apresenta um grande potencial qualitativo, por ser possível vivenciar as atividades de lazer em tempo integral e de enorme importância para a economia (maior gasto de dinheiro). Em outras palavras, pode-se dizer que o turismo (ou lazer turístico) é uma

modalidade de lazer sazonal, efêmero, com tempo de duração (finais de semana, férias); e tem maiores gastos, por ser necessário pernoite, acomodação (mínimo de 24 horas no destino), alimentação, passagem para o deslocamento, movimentando necessariamente, a cadeia produtiva (espaço transformado em mercadoria). Por outro lado, o lazer (menos o turístico) acontece próximo ao local de moradia (dorme-se em casa), e acontece no cotidiano, ao longo do ano em espaços públicos e privados, como correr na esteira na academia ou na rua, ir ao cinema, encontrar amigos para conversar em casa, etc., há ou deve haver uma maior gratuidade na realização das atividades (Dumazedier, 1999; Marcellino, 2000; Camargo, 2001).

Em suma, o conceito de turismo deve ser compreendido no conceito de lazer, pois, apesar de possuírem significados diferentes, são conceitos que se complementam, seja em atividades no setor público ou privado. O lazer deve fazer parte da vida dos moradores de um lugar, sendo um direito ao desfrute do tempo livre disponível do trabalho e das obrigações cotidianas. Uma cidade de turismo consolidado<sup>8</sup>, como Petrópolis, oferece as práticas de lazer dos moradores aos visitantes que se deslocam, dentro e/ou fora do país, transformando o lazer (local) em atividade econômica espalhada sobre o espaço geográfico (Ignarra, 2003).

Ao ressaltar o contexto da relação turismo-lazer na cidade serrana, Cruz (2003) adverte que é importante pensar na relação entre o turismo (lugar visitado) e o lazer dos moradores do lugar turístico. Nesse cenário, compreende-se a importância que o turismo possui, porém, é notório que o lazer dos moradores também é afetado pela dinâmica turística, principalmente quando ao alterar o espaço em favor das atividades de importância econômica. A partir desse contexto, emprega-se um exemplo: o antigo palácio de verão do imperador D. Pedro II, na cidade turística de Petrópolis, foi transformado em museu, ou seja, a forma é a mesma, mas sua função foi modificada a partir de uma nova prática social no espaço, o turismo ou o lazer turístico.

Ao pensar sobre as categorias de análise que são de grande importância para o planejamento e o ordenamento das atividades relacionadas ao turismo e lazer, pode-se avaliar a perspectiva do conceito do espaço geográfico, através do pensamento de Milton Santos (1997), que descreve quatro entidades espaciais: forma, função, estrutura e processos.

Forma, função, estrutura e processos são quatro termos disjuntivos associativos, a empregar segundo um contexto de mundo todo o dia. Tomados individualmente, representam apenas realidades parciais, limitadas, do mundo. Considerados em conjunto, porém, e relacionados entre si, eles constroem uma base teórica e metodológica a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais em totalidade. Em outras palavras, forma, função, processo e estrutura devem ser estudados

---

<sup>8</sup> Turismo consolidado é característico da cidade que possui demanda e oferta para a realização da atividade turística.

concomitantemente e vistos na maneira como interagem para criar e moldar o espaço através do tempo (Santos, 1997, p. 52).

As formas espaciais em uma perspectiva de análise do lazer e do turismo são compreendidas através do espaço que é visível e concreto. Santos (1997) diz ser necessário compreender as formas espaciais em seu sentido social e econômico na produção de um dado espaço. Assim, a forma espacial é o aspecto exterior de um objeto e se refere a seu arranjo ordenado, a um padrão (Santos, 1997). Dentro do espaço, é um arranjo geométrico que tem uma orientação motivada por causas socioculturais, econômicas ou mesmo naturais (Raimundo, 2009).

A função é compreendida pelo objetivo dado àquela forma, é o que será gerado a partir das relações criadas no espaço geográfico. A noção de função implica numa tarefa, atividade ou papel a ser desempenhado pelo objeto criado (Santos, 1997). Assim, o alinhamento de um conjunto de indústrias ao longo de uma rodovia de fluxo rápido (forma) permite inferir uma função industrial dinamizada, expressa pelas indústrias, pelas rodovias e suas tarefas, ou seja, desempenham um papel no espaço (Raimundo, 2009).

A estrutura é definida como as características sociais e econômicas de uma sociedade em um dado momento de tempo: é a matriz social em que formas e funções são criadas e justificadas (Santos, 1997). Raimundo (2009) complementa ao dizer que o entendimento da estrutura está associado ao desvendamento dos fatores sociais, culturais, econômicos e político, assim como a identificação dos atores sociais e de seus interesses na produção do espaço. Para Rodrigues (1997), o espaço turístico, isto é, aquele que apresenta uma função voltada ao lazer e turismo, é constituído por alguns atores sociais: os homens, as firmas e as instituições.

Nessa perspectiva, os indivíduos representam a demanda turística que vai se deslocar pelo espaço em uma viagem, assim como a população local que reside em municípios de turismo consolidado. As formas são aquelas que irão promover o deslocamento e o fornecimento dos serviços essenciais, e as instituições são de fato as que representam a macroestrutura, através da produção de normas e ordens, como o Ministério do Turismo (Mtur) e a Organização Mundial do Turismo (OMT).

Nesse sentido, a partir do presente materializado nas formas, as rugosidades, é possível recuar ao passado e entender a estrutura e função que ocorriam em vários momentos da produção daquele espaço, descobrindo os atores sociais, quando eles foram substituídos por outros, quais eram os interesses em jogo, entre outras questões. A esse entendimento das questões espaciais identificadas ao longo de um período é o que se dá o nome de processos (Raimundo, 2009, p. 232).

E a última entidade denominada como processo pode ser definida como mudança ocorrida no espaço em uma periodicidade. A temporalidade é analisada, então, pelos processos

definidos como ações que se realizam de modo contínuo, que implicam em mudanças no tempo e no espaço (Santos, 1997). Assim, é possível avaliar as tendências de crescimento de determinado polo receptivo, considerando os interesses e as ações dos atores sociais envolvidos no processo de produção do espaço (Raimundo, 2009).

A partir do espaço geográfico é possível analisar muitas variantes na relação turismo-lazer, até porque, essas atividades ocorrem no mesmo espaço diretamente (ambientes naturais), havendo intervenções humanas por meio de construções de infraestruturas básicas (rodoviária, saneamento básico, vias de acesso, trilhas), serviços e equipamentos turísticos (acomodação, restauração) e de apoio ao turismo (bancos, postos de saúde), e tudo isso é fruto de relações sociais e seus inúmeros agentes.

As mudanças no espaço geográfico para tal fim geram o deslocamento, ou seja, fluxo de pessoas, materiais, informação, dinheiro, etc., contribuindo para o aproveitamento do tempo livre. Ao se pensar na atividade turística, todas as dinâmicas relacionadas aos equipamentos e serviços para a utilização dos espaços de lazer e de turismo necessitam dos atrativos que vão gerar o interesse em conhecer um determinado lugar, assim como da infraestrutura e dos serviços necessários para garantir a permanência; como Petrópolis, que possui turismo consolidado e proximidade com municípios de grande importância econômica, como Rio de Janeiro (RJ) e Juiz de Fora (MG).

### 3 CARTOGRAFIA PARA O TURISMO E O LAZER: REPRESENTAÇÃO CARTO(GRÁFICA) DE UM LUGAR

#### 3.1 CARTOGRAFIA E A NECESSIDADE EM SE DESENVOLVER MAPAS PARA O TURISMO E O LAZER

A representação do espaço é histórica e ocorre desde a Antiguidade. Na Idade Média, a Tábua de Peutinger e os Mapas Portulanos foram exemplos de produtos cartográficos que auxiliavam na orientação dos viajantes (comerciantes e navegadores). Fiori (2020) afirma que, por outro lado, os mapas holandeses do século XVII tinham multifunção: serviam como instrumento de orientação para viagens e como objeto de decoração nas paredes das casas. Já os mapas dos séculos XVIII e XIX primavam pela precisão topográfica do terreno, servindo para delimitar os territórios e os avanços imperialistas (Raisz, 1969; Fiori, 2020; Martins; Fiori, 2020). Os exemplos demonstram que o mapeamento do espaço geográfico ocorre a partir de um contexto sócio-histórico e econômico no qual foi produzido. Ao pensar nas múltiplas finalidades do mapa, pensa-se na importância do mapeamento para a geografia, cuja preocupação é representar o mundo e seus fenômenos.

O conceito da palavra “quadro”, segundo Gomes (2017), não é apenas a definição de uma estrutura de quatro lados, mas tudo o que está nele contido. Um quadro, ao ser visto, é passível de várias conotações de significação<sup>9</sup>, pois uma pintura figurativa produz sentido pela composição que exhibe e a figuração de coisas no espaço aprende/depreende sentido no local em que se encontra. Isso quer dizer que um quadro, mesmo com representações pictóricas, iconográficas, constituído por representações com menor grau de abstração da realidade, pode trazer diversas interpretações para quem o vê. Sobre essa semiologia, associa-se a arte pictórica a algo que compreende qualquer elemento, ou fenômeno capaz de ser representado por meio do desenho, ou da pintura, ou seja, é possível expressar plasticamente a paisagem a partir do uso de seis recursos gráficos elementares: linha, volume (perspectiva), luz (sombreamento), cor, escala e textura (Fiori, 2011).

Ao fazer uma analogia entre quadros e mapas, pode-se perceber que são constituídos de maneiras bem diferentes. Segundo Gomes (2017, p. 96), um quadro é um instrumento de análise

---

<sup>9</sup> A significação resulta da junção eficaz entre significante – plano de expressão-percepção do signo caracterizado por sua parte concreta (imagens sonoras e visuais) – e significado plano do conceito-interpretativo do signo, caracterizado por sua parte abstrata (conceito psíquico) na transmissão do conteúdo, e está relacionada à apreensão das coisas por meio da vivência, cultura, experiências (pessoais, sociais), ensino-aprendizagem, etc. (Silva, 2023, p 42).

que opera simultaneamente em diversos sistemas de significação, compreendido como a semiologia contida. Enquanto o mapa se estabelece como um objeto que representa gráfica e cartograficamente o espaço, produzindo informações espaciais que o produtor, o contratante e o usuário julgam ser relevantes de serem comunicadas, consumidas. Desse modo, ao compreender o mapa como um quadro, várias relações, análises descritivas e interpretativas podem ser abrangidas, pois as descrições são instrumentos úteis na construção do pensamento e os elementos observados são organizados de forma sistemática, sejam eles mapas, gráficos, tabelas, perfis, diagramas, etc. (Gomes, 2017, p. 216).

Portanto, o desenvolvimento de mapas se estabelece a partir de um conjunto de elementos espaciais representados (gráfico-cartograficamente), apresentando informações que podem ser utilizadas e analisadas sob várias perspectivas, fazendo com que a cartografia seja percebida como um importante recurso para a atividade do turismo e lazer. Para Fiori (2010; 2020), uma cartografia, para além da produção de mapas, é vista sob uma perspectiva de quadros com muitos significados.

Segundo Gomes (2017, p. 96), tabelas e gráficos também são “quadros geográficos”, pois tudo depende da maneira como são considerados. Seguindo tal pensamento, a cartografia possui grande relevância para a prática social do lazer e do turismo, pois a produção de mapas (convencionais-cartesianos e/ou pictóricos), tabelas, gráficos, *folders* e outras coletas de campo e gabinete compõem um cenário estratégico para se pensar, a partir disso, a produção cartográfica para o lazer e o turismo. Esta pode ser exercida ou praticada por tipologias de vivências das mais variadas: cultura, história, ecoturismo, religião, rural, aventura, negócios, saúde e outros tipos que circundam o universo do turismo. Logo, o desenvolvimento de mapas na cartografia pela geografia se estabelece como a ciência responsável por desenvolver graficamente os espaços, como se pode ver na definição da Associação Cartográfica Internacional (ICA) em sua publicação *Multilingual Dictionary of Technical Terms in Cartography*:

A arte, ciência e tecnologia de mapeamento, juntamente com seus estudos como documentos científicos e trabalhos de arte. Neste contexto pode ser considerada como incluindo todos os tipos de mapas, plantas, cartas e seções, modelos tridimensionais e globos representando a Terra ou qualquer corpo celeste, em qualquer escala (Meynen, *apud* Dent, 1999, p. 4).

Assim, compreende-se por uma ciência que possui dois grandes campos de trabalho: o estudo do mapeamento e a produção de documentos cartográficos, desde o levantamento dos dados, processamento das informações geográficas, e a produção efetiva de mapas, cartas, globos e outros.

No caso de uma cartografia para o lazer e o turismo, há uma preocupação em desenvolver mapas que alcancem as mais diferentes necessidades, desde produtos que representam as etapas do planejamento e da gestão da atividade, como na realização de inventários, diagnósticos e roteiros turísticos, implementação, monitoramento e avaliação da atividade como análise de impactos, rendimentos, indicadores, etc. (Martins; Fiori, 2020, p. 71), até produtos que sejam meios de informação, de divulgação desenvolvidos por pessoas essencialmente leigas na semântica cartográfica. Neste caso, há uma grande variedade de mapas, como:

Esboços (mapas sem preocupação cartográfica), esquemas das redes de transportes (rodovia, metrô, ferrovia), orientação com base topográfica (esportes de aventura), além de mapas especiais relacionados a rotas (maratona, ciclismo, vinhedo, cultural), cavernas, compras, etc. (*Internationale Tourismus Börse*, 1987 *apud* Fiori, 2010, p. 528).

Os mapas para o lazer e o turismo, e outras tipologias de mapas em qualquer cultura sempre foram, são e serão formas de saber socialmente construídos, portanto, uma forma manipulada do saber, sendo imagens carregadas de julgamentos de valor. Não há nada de inerme e passivo em seus registros (Harley, 1988 *apud* Martinelli, 2010, p. 2). Todo mapa será dotado de valores a partir de quem o produziu, remetendo a uma categoria interpretativa

Como linguagem, os mapas conjugam-se com a prática histórica, podendo revelar diferentes visões de mundo. Carregam, igualmente, um simbolismo que pode estar associado ao conteúdo neles representado. Constituem um saber que é produto social, ficando atrelados ao processo de poder, vinculados ao exercício da propaganda, da vigilância, detendo influência política sobre a sociedade (Harley, 1988; Gould e Bailly, 1995 *apud* Martinelli, 2010, p. 2).

Por tudo isso, os estudos relacionados à geografia do turismo utilizam a cartografia temática para representar suas atividades, devido a sua capacidade de representação de informações geográficas associadas a um tema específico, tais informações são representadas em diferentes escalas e o objetivo é comunicar visualmente as características e distribuições dos fenômenos físicos e sociais (Martinelli, 2010). É, no século XVII, que se inicia a produção de mapas temáticos, os ditos mapas singulares. Dentre os primeiros, destacaram-se os mapas das rotas dos postos de descanso e troca de cavalos dos viajantes. Em 1632, Sanson elaborou a “*Carte géographique des postes qui traversent la France*” (Martinelli, 1984 *apud* Palsky, 1996, p. 5). Outro exemplo no século XVIII são os mapas mineralógicos de Buache, feitos para os estudos geológicos de Guettard de 1746. Para isso, foram desenvolvidos símbolos acerca das informações do subsolo superpostos à base cartográfica, além de contar com o registro da diversidade das ocorrências geológicas com manifestação em área (Martinelli, 2010).

Passaram-se, a representar, categorias mentalmente e não mais visualmente organizadas. Confirmou-se, assim, o mapa como expressão do raciocínio que seu autor empreendeu diante da realidade, apreendida a partir de um determinado ponto de vista: sua opção de entendimento de mundo. Deu-se a afirmação de uma postura metodológica na elaboração de uma cartografia temática para todas as áreas que a solicitariam (Robinson, 1982; Clutton, 1983; Joly, 1976; Palsky, 1996 *apud* Martinelli, 2010 p. 5).

Com a asseveração da cartografia temática confirmada mormente no século XIX e aglutinando nessa época, além das abordagens qualitativas e ordenadas, a variante das representações quantitativas, romperam-se os esquemas clássicos de mapeamento consolidados desde o Renascimento, voltados essencialmente aos registros gerais de cunho topográfico (Martinelli, 2010, p. 5). O primeiro mapa corocromático<sup>10</sup> foi desenhado por Milne em 1800, para a região de Londres e seus arredores. Apresentou como originalidade a codificação das utilizações da terra em 17 categorias por meio de cores e letras. Em 1847, Fletcher desenvolveu, para os territórios da Inglaterra e do País de Gales, um mapa da mesma temática com oito rubricas em cores (Martinelli, 2010, p. 5).

Para dar um enorme, seguro e definitivo salto na metodologia das representações temáticas, com mais atenção à quantificação, entrou em cena o escocês William Playfair. Ele inventou a “Aritmética Linear”, sistema de gráficos estatísticos desenvolvidos para ilustrar suas obras de 1786 e 1801. Foi a partir de seus gráficos, que uma parte dos métodos quantitativos da cartografia temática ganhou vida. Como gráficos idealizou círculos de tamanhos proporcionais para representar a extensão de países, bem como a divisão de tais figuras geométricas em setores: o gráfico denominado setograma (Martinelli, 2010, p. 5).

Os mapas temáticos importam-se mais com o conteúdo do que com a precisão, pois o tema é o que demanda mais atenção devido à informação que está sendo representada. Em geral, baseiam-se em um mapa sistemático<sup>11</sup> para serem desenvolvidos e, posteriormente, são inseridas as demais informações específicas. Podem ter várias razões e finalidades, dependendo do contexto em que será utilizado, é útil para os leigos em cartografia, como para atender às demandas de profissionais. Podem ser utilizados como produtos de orientação e de navegação, de planejamento e de gestão urbana, de declividade topográfica, de tipos de solo, geológicos, geomorfológicos, climatológicos, dentre outros. Isso porque cada usuário tem necessidades específicas ao utilizá-los, podendo ser usuários comuns, urbanistas, planejadores, empresas, comércio, pesquisadores, cientistas, turistas ou outros grupos.

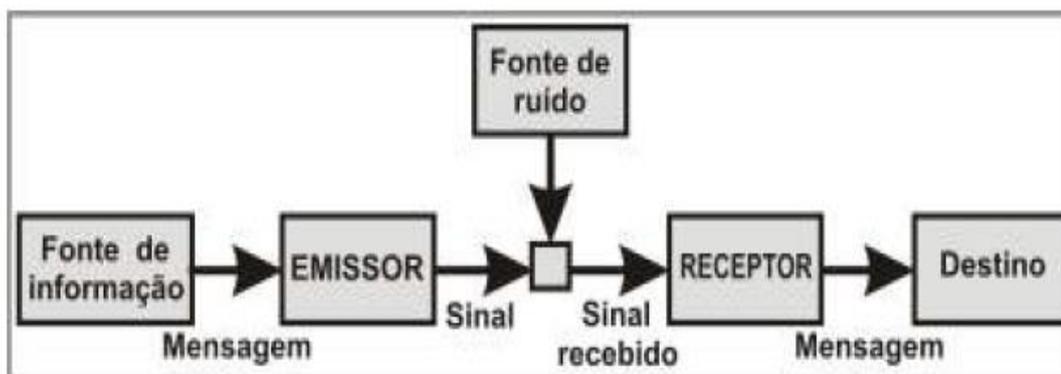
---

<sup>10</sup> Os mapas corocromáticos apresentam dados geográficos e utilizam diferenças de cor na implantação zonal. Este método deve ser empregado sempre que for preciso mostrar diferenças nominais em dados qualitativos, sem que haja ordem ou hierarquia (Archela, 2008, p. 23).

<sup>11</sup> Mapas que servirão de base para mapas temáticos, com dados de altitude, limites, localidades.

Qualquer tipo de mapa usará símbolos pontuais, lineares e zonais, que apresentam níveis diferentes de abstração da realidade sejam convencionais ou pictóricos, baseados em formas de visão vertical, oblíqua e/ou frontal. A exemplo, na cartografia turística, pode-se encontrar tanto mapas convencionais quanto pictóricos, ambos estão baseados na teoria da comunicação (Figura 35), porém mapas convencionais baseiam-se na semiologia gráfica de Bertin (1967), buscando uma melhor eficiência da informação a ser representada.

Figura 35 – Esquema base da teoria da comunicação



Fonte: Bertin, J. 1967, p. 3

A semiologia gráfica está ligada à teoria da comunicação a partir das dimensões do plano (X e Y), que definem a posição de Z, representada por meio do modo de implantação pontual, linear ou zonal. As seis variáveis visuais mais as duas dimensões do plano ajudam a traduzir as relações fundamentais entre os objetos: similaridade, diversidade, ordem e proporcionalidade (Martinelli, 1991), como mostra a Figura 36, a seguir. Para Archela e Theyy (2008, p. 3), a semiologia gráfica formula regras de utilização racional da linguagem cartográfica, reconhecidas, atualmente, como a gramática da linguagem gráfica, na qual a unidade linguística é o signo.

Os signos são construídos basicamente, com a variação visual de forma, tamanho, orientação, cor, valor e granulação para representar fenômenos qualitativos, ordenados ou quantitativos nos modos de implantação pontual, linear ou zonal. A variável visual *tamanho* corresponde à variação do tamanho do ponto, de acordo com a informação quantitativa; a variável visual *valor* pressupõe a variação da tonalidade ou de uma sequência monocromática; a *granulação* corresponde a variação da repartição do preto no branco onde deve-se manter a mesma proporção de preto e de branco; a variável visual *cor* significa a variação das cores do arco-íris, sem variação de tonalidade, tendo as cores a mesma intensidade (Archela; Theyy, 2008, p. 3).

Desse modo, a informação geográfica se transforma em turística quando possuir, de alguma forma, sentido turístico e uma localização espacial vinculada a um sistema de

posicionamento terrestre – latitude, longitude; E, N (UTM); x, y (Mercator); ou qualquer outro sistema local (Fiori, 2020, p.11).

Ao se considerar a Cartografia como um sistema de comunicação, pode-se verificar que a fonte de informações é o mundo real, codificado pela simbologia do mapa, e o vetor entre a fonte e o mapa é caracterizado pelo padrão gráfico bidimensional estabelecido pelos símbolos (Menezes; Fernandes, 2013, p. 43).

Figura 36 – Variáveis Visuais

Implantation	Pontual	Linear	Zonal
Forma ≡			
Tamanho O			
Orientação ≡			
Cor ≡	Uso das cores puras do espectro ou de suas combinações. Combinação das três cores primárias cian, amarelo, magenta (tricomia).		
Valor O			
Granulação O			
Valor da percepção ≡ associativa   ≠ seletiva   O ordenada   Q quantitativa			

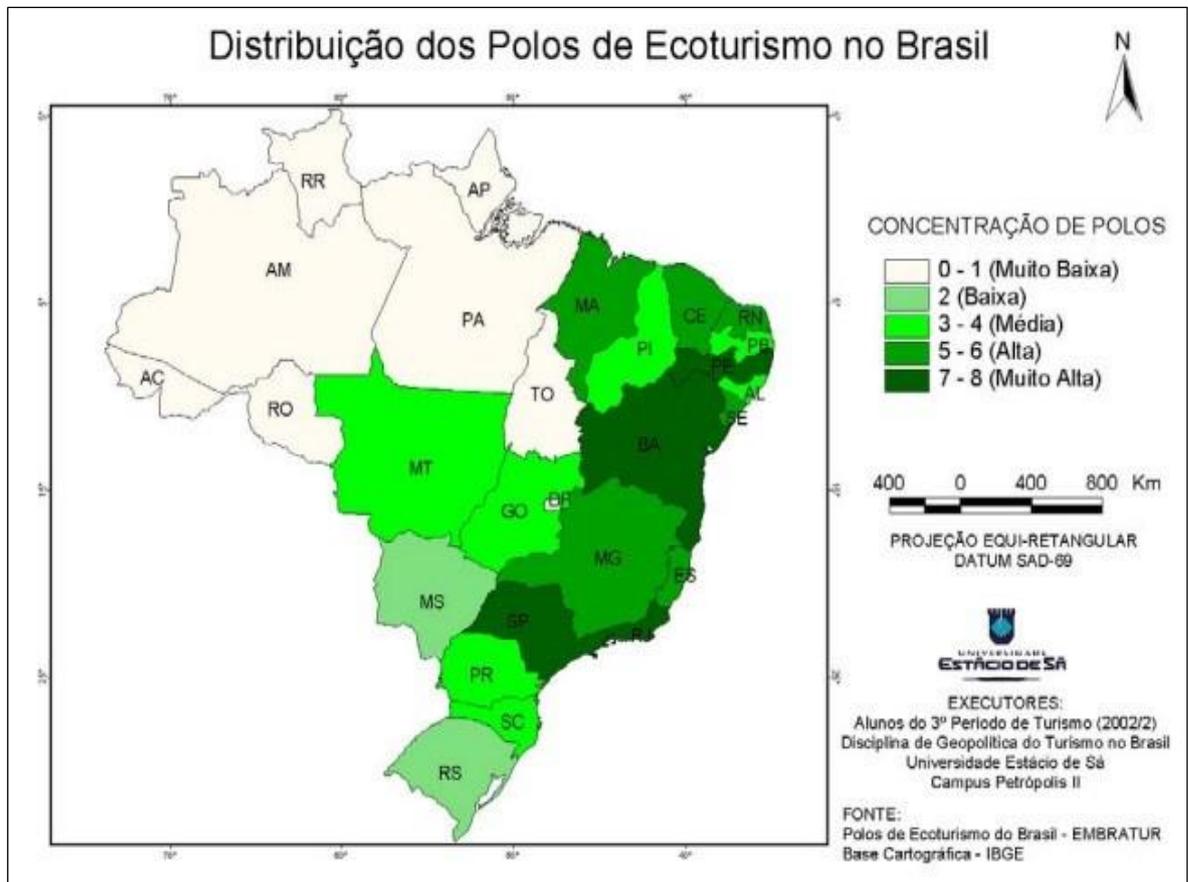
Fonte: Joly, 2005, p. 73.

Segundo Archela e Thevy (2008), para que o processo de comunicação entre o produtor do mapa e o usuário-leitor do mapa se estabeleça, devem seguir princípios que jamais poderão ser ignorados:

Um fenômeno se traduz por um só sinal. Exemplo: arroz, feijão e milho. Não apresenta quantidade e nem ordem. A informação nesse caso é qualitativa e a variável visual mais adequada para sua representação é a forma ou a cor (matiz). Uma ordem se traduz somente por uma ordem. Exemplo: densidades, hierarquias e sequências ordenadas, ou seja, quando a informação quantitativa é ordenada em classes e a variável visual mais adequada é o *valor* (monocromia). Nesses casos, não se deve utilizar a variável visual tamanho porque não é possível diferenciar quanto vale cada ponto dentro da classe estabelecida. Variações quantitativas se traduzem somente pela variável visual tamanho (Archela e Thevy, 2008, p. 5).

Os fenômenos qualitativos e quantitativos a serem representados nos mapas temáticos devem seguir padrões para o leitor obter clareza na informação. Burda e Martinelli (2014) observam a intrínseca relação entre a cartografia temática e o turismo nos estudos sobre cartografia turística, que trata e representa os elementos necessários a um destino turístico. Nesse contexto, a informação pode ser trabalhada em duas vertentes distintas: uma para o planejamento turístico, visando fornecer subsídios para o desenvolvimento turístico de uma localidade, e outra para a orientação de turistas em visita a um sítio turístico (Menezes; Fernandes, 2003, p. 3). As figuras 37 e 38 apresentam dois tipos diferentes de mapas para o lazer e o turismo: um relacionado à gestão e outro para o turista em viagem.

Figura 37 – Mapa para planejamento turístico



Fonte: Notas de aula - Fernandes (2007).



Na perspectiva da cartografia turística, entende-se que o espaço turístico é onde existe uma oferta de serviços, deslocamento e consumo do espaço que foi socialmente construído e modificado para a visitação. O turismo é um entre tantos processos espaciais, porém é a única prática social que consome elementarmente o espaço (Cruz, 2001, p. 61). Para Soneiro (1991), o espaço turístico pode ser definido como a representação da projeção, no espaço e no tempo, de ideais e mitos da sociedade global, que classifica esse objeto de estudo como aquele formado por produto espacial material, construído, ordenado e acondicionados (alojamentos, transporte e equipamentos recreativos), e os espaços imateriais formados pelas imagens.

Posto isso, Oliveira (2005), Fernandes, Menezes, Silva (2008), Martins e Fiori (2020) explicam, que, de modo geral, os mapas turísticos podem ser trabalhados em duas vertentes distintas: para o planejamento e a gestão do turismo, e para a orientação ao turista. Ademais, para Fiori (2010, p. 527), o destino turístico recorre aos mapas temáticos analógicos e digitais, havendo uma grande oferta e variedade de produtos cartográficos (convencionais, pictóricos) para os mais diferentes fins. Além de escalas variadas, os produtos cartográficos representam os atrativos naturais e culturais (parques, praias, ilhas, sítios históricos, rotas gastronômicas, etc.), os macros equipamentos de lazer (parques temáticos, resorts, estádios, etc.) e serviços turísticos (*campings*, hotéis, restaurantes, etc.) em mapas que abrangem a parte ou o todo de município, regiões turísticas, mapas estaduais e/ou nacionais de síntese.

Como dito, esta pesquisa focaliza os mapas de orientação turística, que podem ser utilizados por turistas, mas também pela população local. Dessa forma, entende-se que os recursos que compõem a oferta turística devem estar representados nos mapas turísticos para uma melhor orientação. Mapas turísticos são essenciais para a realização da atividade turística; Petrópolis, por exemplo, que vem apresentando grandes fluxos de turistas durante todo o ano, demanda preocupação na elaboração e na execução para a funcionalidade do turismo. De forma digital ou analógica, servem de base para o turista se localizar melhor em um destino em que ele procura atividades diferentes do seu local de moradia.

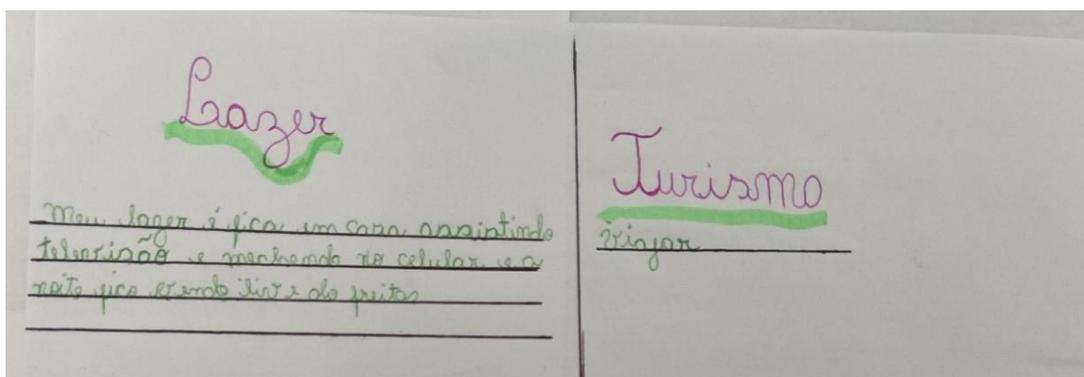


fundamento a diferenciação, trabalhada em classe, entre lazer e turismo. O estudo empírico ocorreu no dia 5 de outubro de 2022 nas duas instituições, com alunos do 8º ano do ensino fundamental. A escolha do ano escolar se deu pela média de idade estar, em tese, entre os 13 e 14 anos, ou seja, muitos já realizam o trajeto casa-escola sozinhos. As escolas estão situadas em bairros diferentes e atendem grupos de alunos de classes sociais distintas. Um dos primeiros pontos observados durante a pesquisa foi a idade avançada dos alunos no 8º ano na escola pública, isso porque, a média de idade era de 16 a 17 anos, apenas três alunos estavam em idade compatível com o ano escolar.

A escolha de duas instituições tão diferentes teve o intuito de abordar como o fator socioeconômico e a questão da localização geográfica (central) podem interferir na percepção dos alunos tanto para realizar o lazer quanto o turismo. Dessa forma, foram propostas aos alunos duas atividades. Inicialmente, eles escreveram o que entendiam por lazer e por turismo; e, a seguir, desenharam mapas mentais a partir de sua percepção sobre o lazer que realizam ou possuem acesso, além de pontos turísticos na cidade que conhecem ou já visitaram. A amostragem resultou em 28 questionários aplicados, dos quais 18 são da turma 801, do Instituto Metodista de Petrópolis, e 10 da turma 802, da Escola Municipal Professora Jandira Peixoto Bordignon.

#### 4.1.1.1 Análise 1: O que você entende por lazer e por turismo?

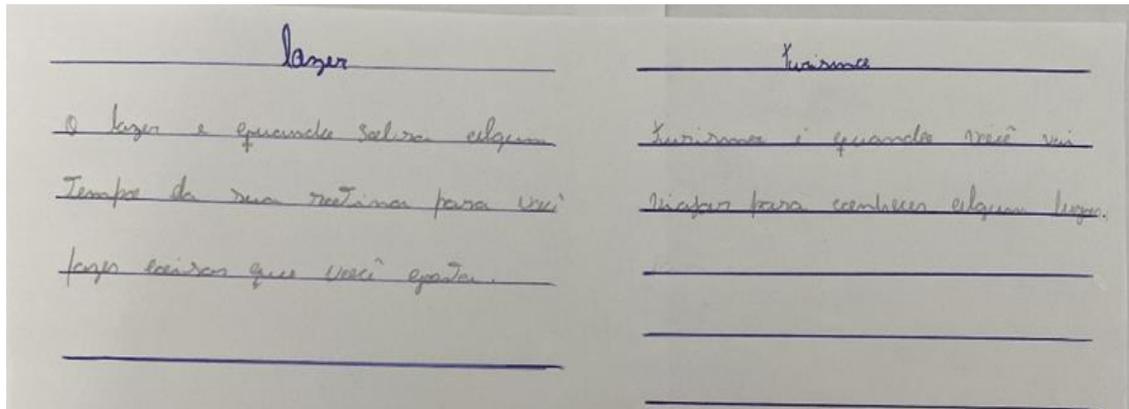
Figura 40 – Aluno da Escola Municipal Professora Jandira Peixoto Bordignon



Fonte: Autoria própria (2022)

O aluno em questão relata a prática do lazer gratuito como sua principal atividade, assim como considera que o turismo é o ato de viajar.

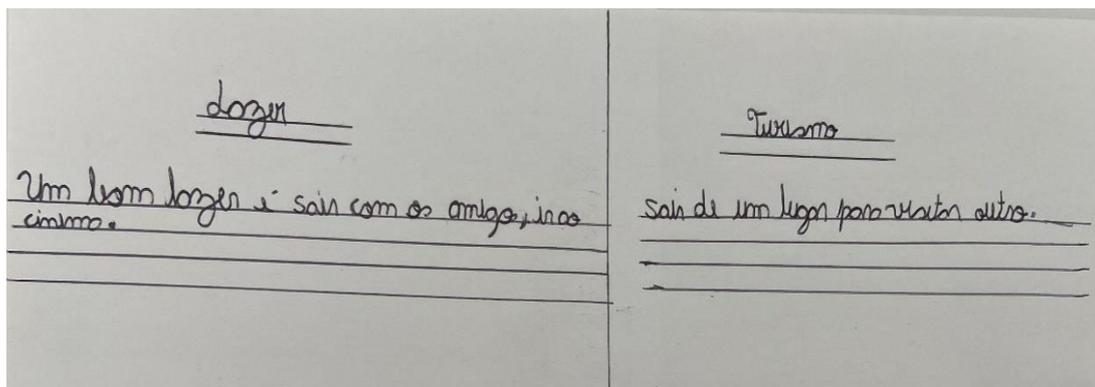
Figura 41 – Aluno da Escola Municipal Professora Jandira Peixoto Bordignon



Fonte: Autoria própria (2022)

Nessa amostra o aluno atribui o lazer ao tempo destinado a fazer coisas que gosta, assim como considera o turismo como a prática de conhecer um local.

Figura 42 – Aluno da Escola Municipal Professora Jandira Peixoto Bordignon



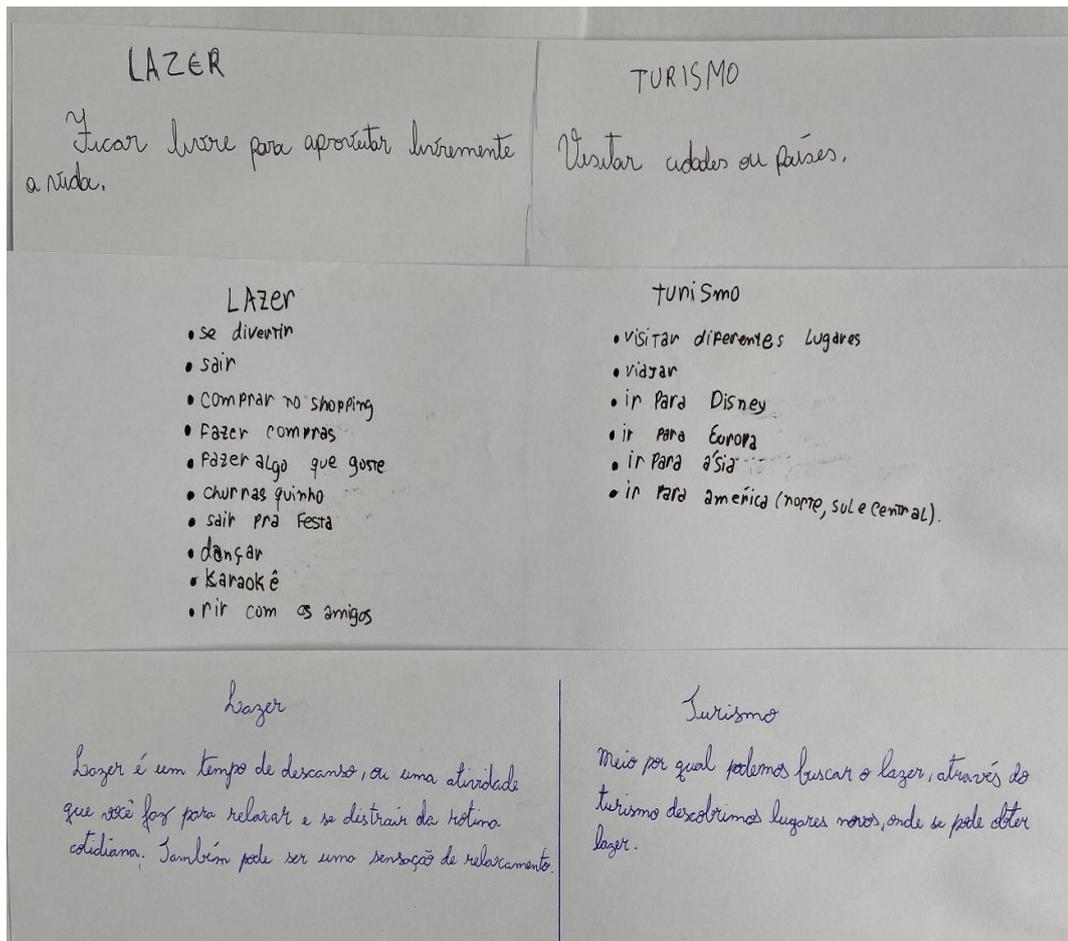
Fonte: Autoria própria (2022)

Na Figura 42, o lazer é associado ao lazer pago e aos amigos, como a ida ao cinema, já o turismo é visto como o deslocamento de um lugar para o outro.

É importante ressaltar as respostas dadas pelos alunos da escola municipal (pública): só esses estudantes possuem a disciplina HGPT.ET em sua grade curricular. A disciplina é uma forma de levar o conhecimento geográfico, histórico e turístico do município para os discentes da rede pública. No entanto, apesar do grande potencial da disciplina, ela é pouco explorada, devido ao curto tempo para a ministração do conteúdo sobre o tema, de apenas 50 minutos por semana. Outro problema é que, mesmo com os cadernos pedagógicos com textos, imagens e atividades de apoio, disponíveis no site da prefeitura de Petrópolis, o material não é disponibilizado fisicamente aos alunos, sem falar que não são todos os alunos da rede pública

de ensino que possuem acesso à internet para consulta desses materiais. Além disso, os professores que ministram a disciplina possuem uma cota de folhas bimestrais para a impressão de atividades e textos: cerca de 100 folhas, a média de alunos por turma é entorno de 30 a 35 alunos, o que permitiria uma média de 3 atividades impressas por aluno por bimestre.

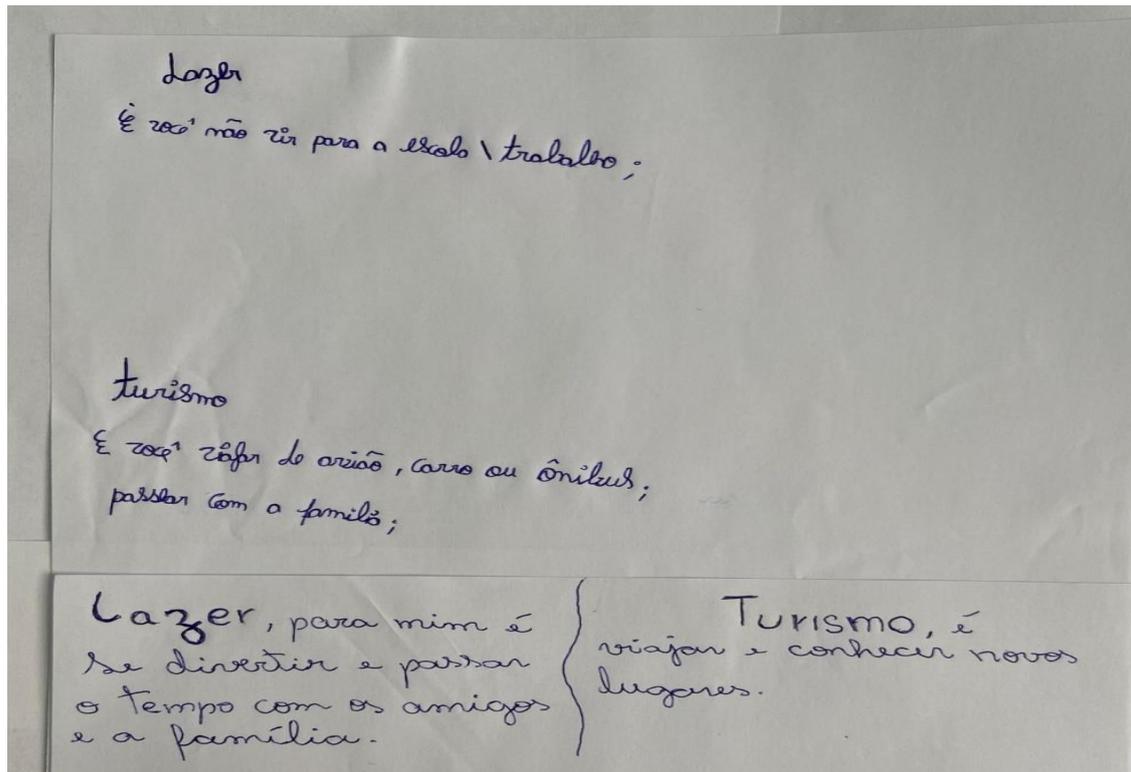
Figura 43 – Aluno do Instituto Metodista de Petrópolis



Fonte: Autoria própria (2022)

A Figura 43 mostra que, para o aluno da escola particular, a compreensão do lazer perpassa diferentes atividades gratuitas ou pagas, que realiza, a princípio, sozinho, mas também com amigos e familiares. Além de atribuir o conceito ao tempo de descanso. Já a perspectiva do conceito de turismo é atribuída ao deslocamento, principalmente em viagens internacionais.

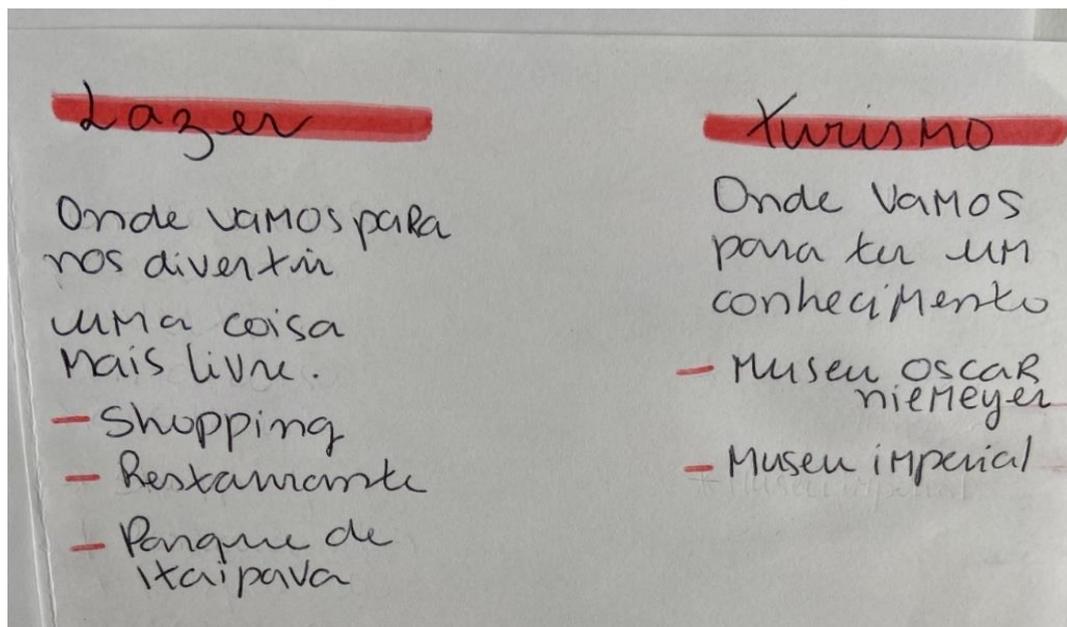
Figura 44 – Aluno do Instituto Metodista de Petrópolis



Fonte: Autoria própria (2022)

Amostra 44 aponta o lazer como uma atividade que não é obrigatória, como a escola e/ou trabalho, e o turismo está associado a conhecer novos lugares.

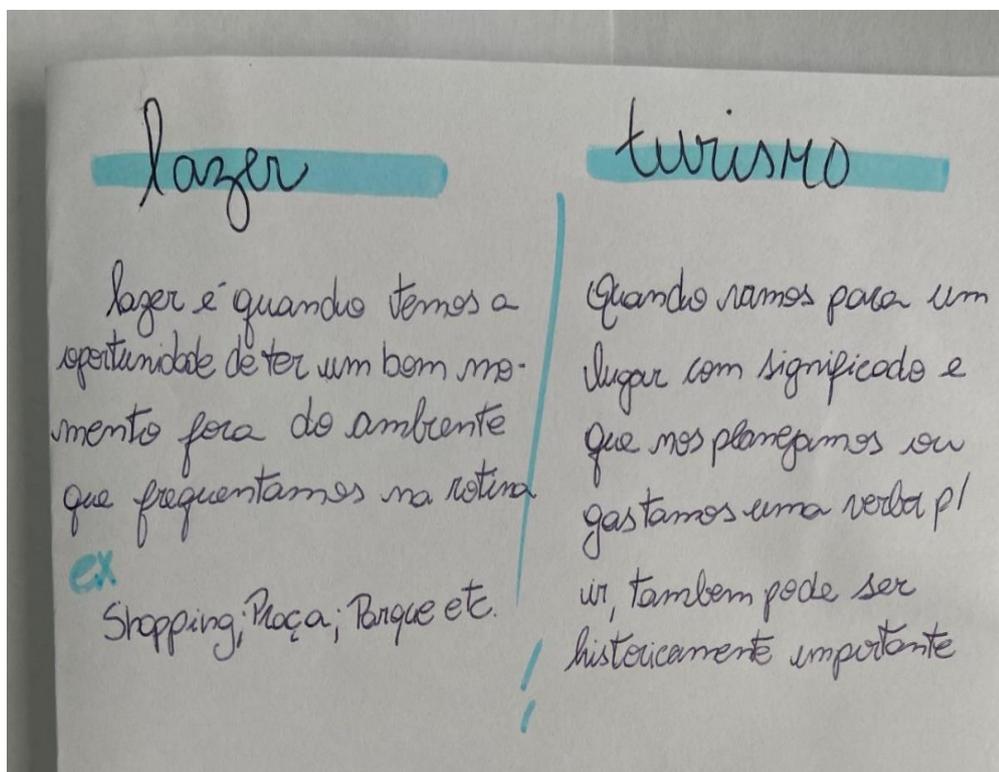
Figura 45 – Aluno do Instituto Metodista de Petrópolis



Fonte: Autoria própria (2022)

Este aluno atribuiu o lazer à ideia de divertimento, principalmente o lazer pago, como *shoppings* e restaurantes. O turismo já é visto na perspectiva histórica cultural, como os museus.

Figura 46 – Aluno do Instituto Metodista de Petrópolis



Fonte: Autoria própria (2022)

Ao final da atividade, foi perceptível que a maioria dos alunos possui noção sobre o que é lazer e turismo, principalmente aqueles que – em maioria da escola privada –, semanalmente, realizam atividades de lazer com seus familiares e turismo nos períodos de férias escolares. Foi possível concluir, ainda, que grande parte considera que o turismo acontece quando fazem um longo deslocamento.

#### **4.1.1.2 Análise 2: Mapas mentais sobre a percepção do trajeto casa-lazer e pontos turísticos conhecidos ou visitados**

As imagens a seguir apresentam, a partir de mapas mentais, a percepção dos alunos sobre o trajeto que realizam de suas casas até as atividades de lazer, assim como o trajeto dos pontos turísticos que conhecem e/ou já visitaram.

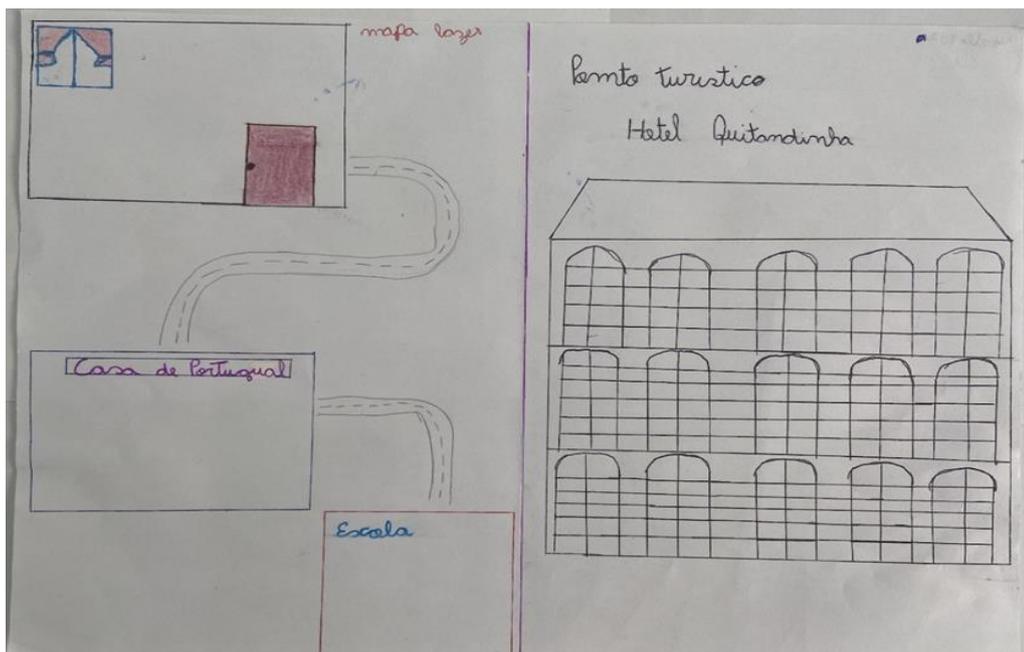
Figura 47 – Mapa mental de aluno da Escola Municipal Jandira Peixoto Bordignon



Fonte: Autoria própria (2022)

Este aluno aponta a escola que é uma atividade obrigatória, como uma atividade associada ao lazer, isso permite compreender que ela é o único espaço frequentado fora da própria residência. O ponto turístico conhecido é o Hotel Quitandinha, próximo à escola.

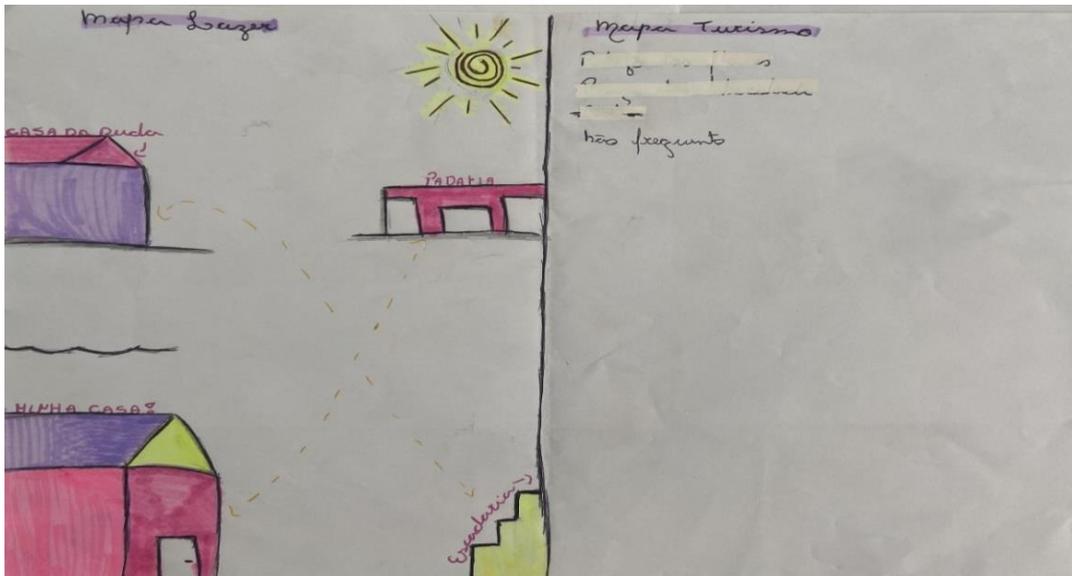
Figura 48 – Mapa mental de aluno da Escola Municipal Jandira Peixoto Bordignon



Fonte: Autoria própria (2022)

Novamente, uma atribuição à escola como ponto de lazer. Nessa amostra, percebe-se também a inserção da Casa de Portugal, local com espaço destinado a eventos esportivos, como a prática do futebol.

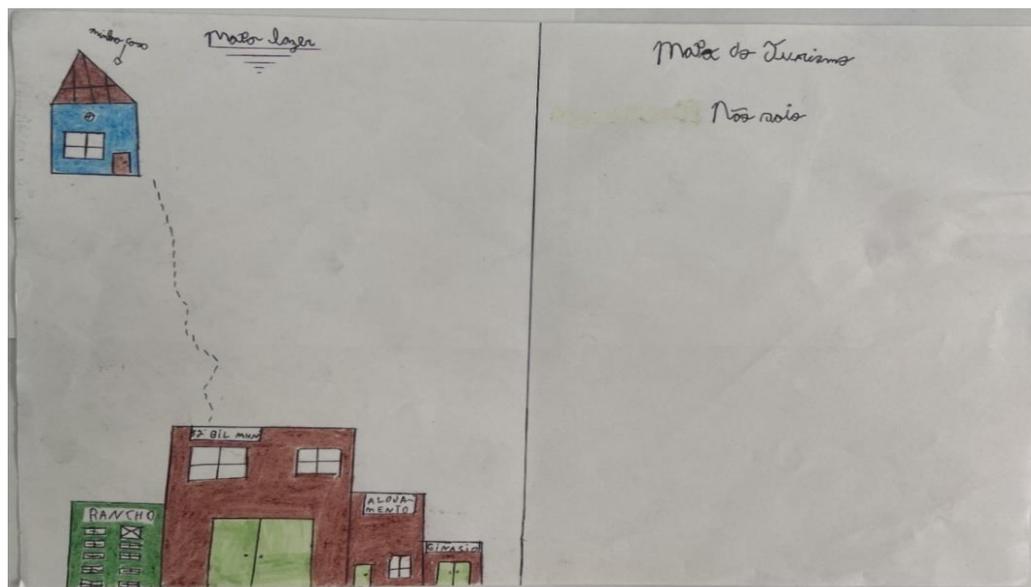
Figura 49 – Mapa mental de aluno da Escola Municipal Jandira Peixoto Bordignon



Fonte: Autoria própria (2022)

Para este aluno, o lazer é voltado para as proximidades de sua casa e de seus amigos. Também é expressiva, considerando tratar-se de uma cidade turística, a afirmação de que não conhece e/ou frequentou nenhum ponto turístico.

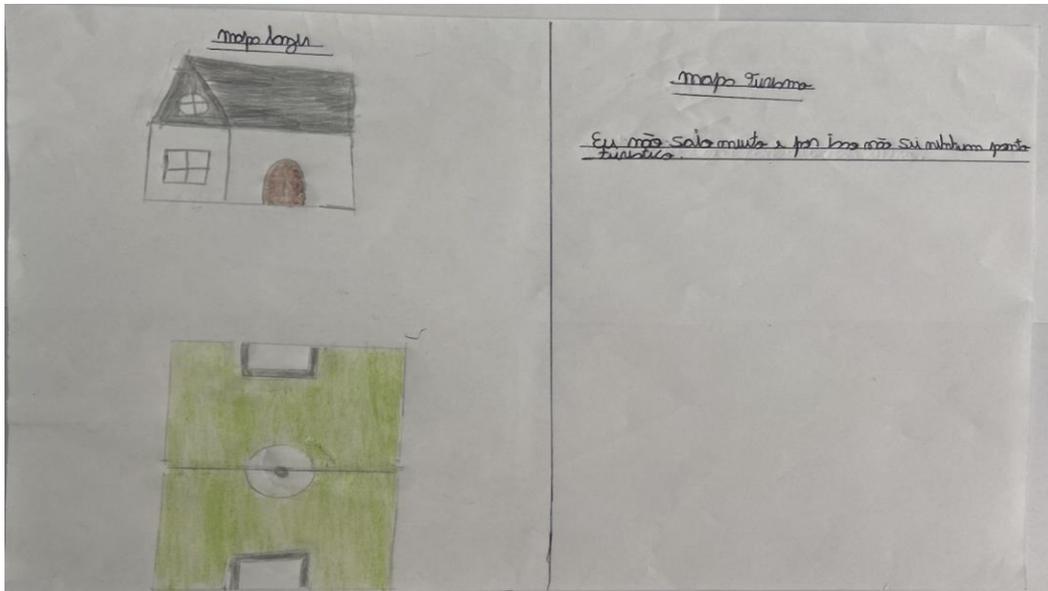
Figura 50 – Mapa mental de aluno da Escola Municipal Jandira Peixoto Bordignon



Fonte: Autoria própria (2022)

O lazer na amostra da Figura 50 também aponta a escola como sua principal atividade e, novamente, há menção sobre não sair e/ou não conhecer nenhum ponto turístico.

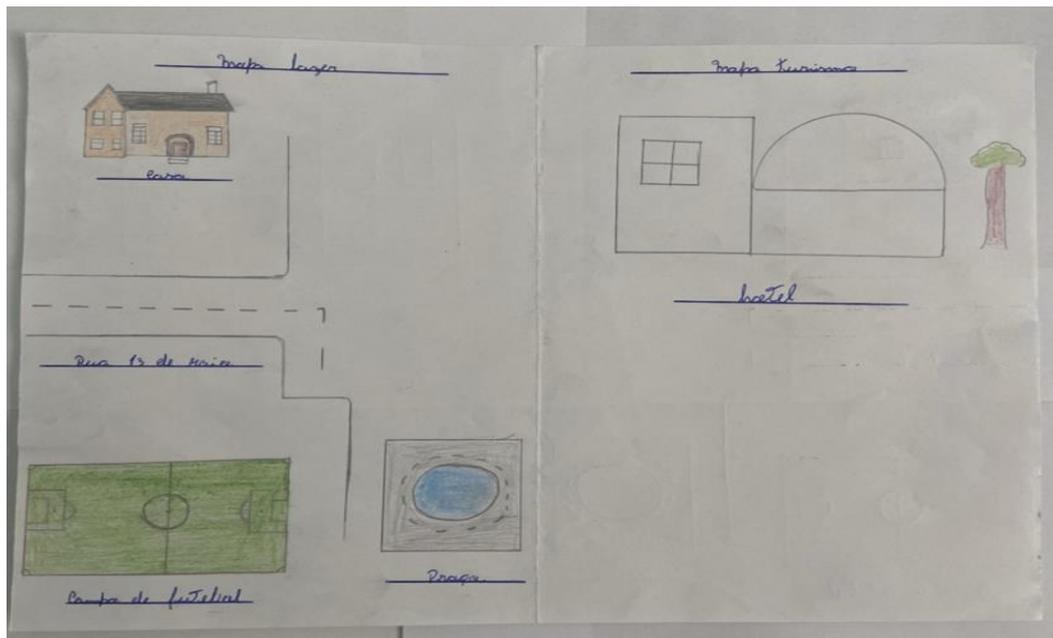
Figura 51 – Mapa mental de aluno da Escola Municipal Jandira Peixoto Bordignon



Fonte: Autoria própria (2022)

Para este aluno, o seu lazer é associado ao campo de futebol, e, novamente, há o apontamento que não sai e/ou não conhece nenhum ponto turístico.

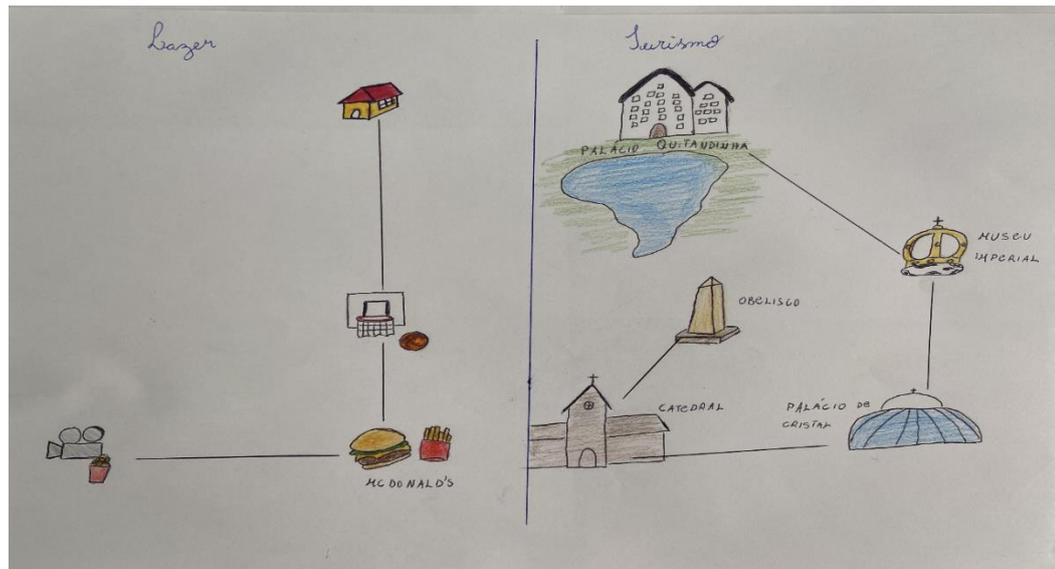
Figura 52 – Mapa mental de aluno da Escola Municipal Jandira Peixoto Bordignon



Fonte: Autoria própria (2022)

Para este aluno, o lazer é mais diversificado, como o campo de futebol, a praça da Liberdade e a Rua 13 de maio, estas no Centro Histórico da cidade, permitindo inferir que ele se desloca pela cidade. Em relação ao turismo, reconhece o Hotel Quitandinha como um ponto turístico.

Figura 53 – Mapa mental de aluno do Instituto Metodista



Fonte: Autoria própria (2022)

Para este aluno da escola privada, o lazer é atribuído às atividades pagas, como cinema, *Mc Donalds* e quadra esportiva. Reconhece os principais pontos turísticos do centro histórico.

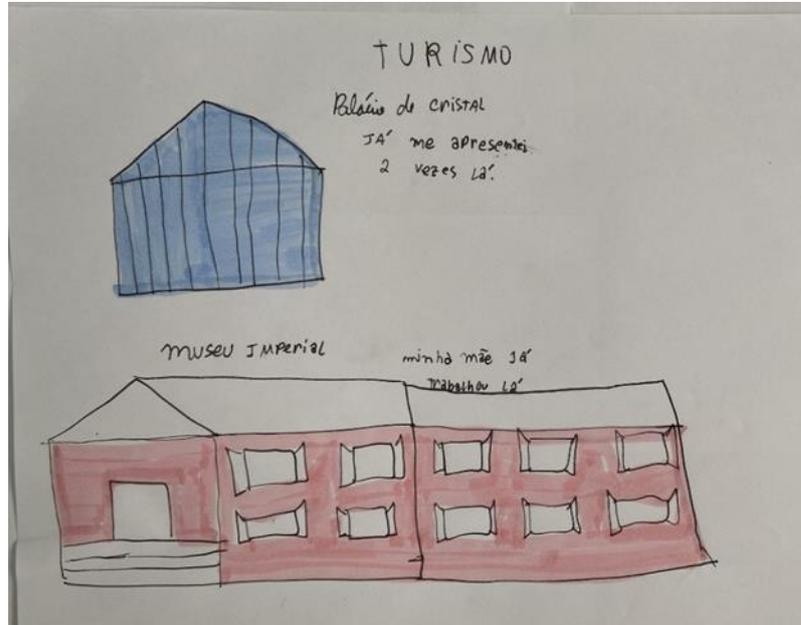
Figura 54 – Mapa mental de aluno do Instituto Metodista



Fonte: Autoria própria (2022)

O lazer para este aluno chega a atividades no terceiro distrito (Itaipava), além de atividades como *Ballet*, curso de inglês e teatro.

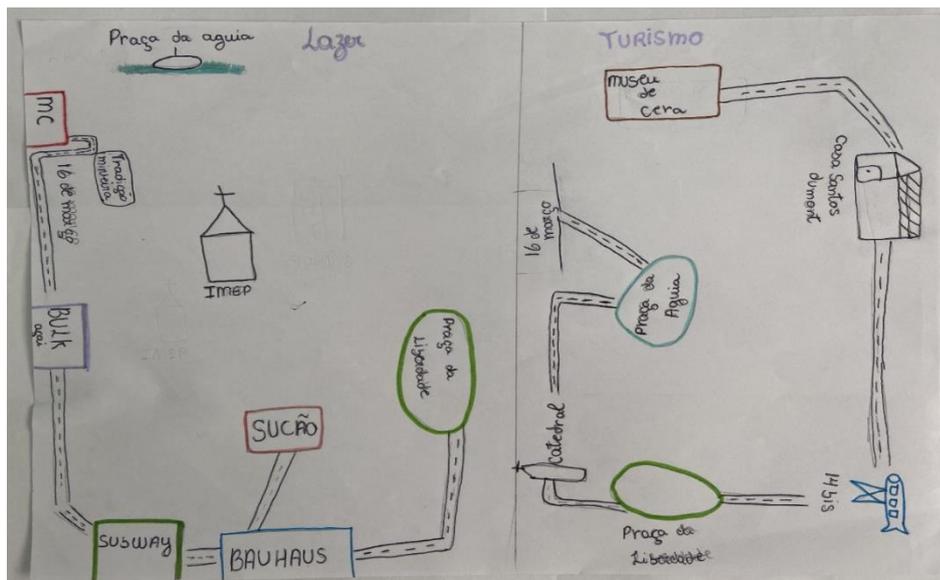
Figura 55 – Mapa mental de aluno do Instituto Metodista



Fonte: Autoria própria (2022)

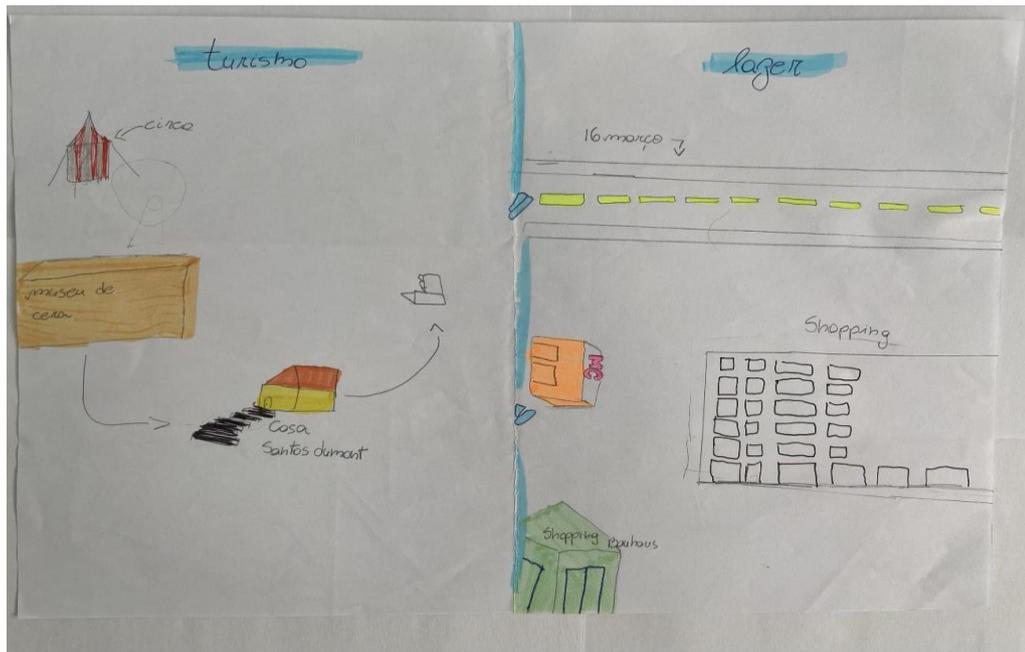
Para o aluno, o Palácio de Cristal e o Museu Imperial são os pontos turísticos que reconhece, principalmente pelo vínculo afetivo de já ter se apresentado e a mãe trabalhado.

Figura 56 – Mapa mental de aluno do Instituto Metodista



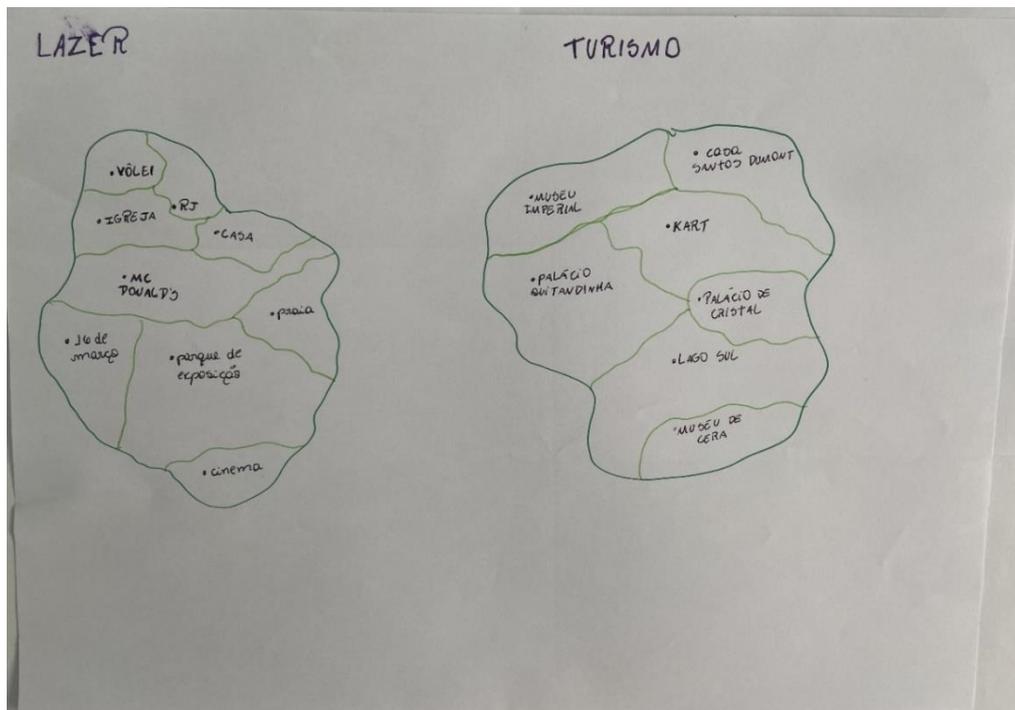
Fonte: Autoria própria (2022)

Figura 57 – Mapa mental de aluno do Instituto Metodista



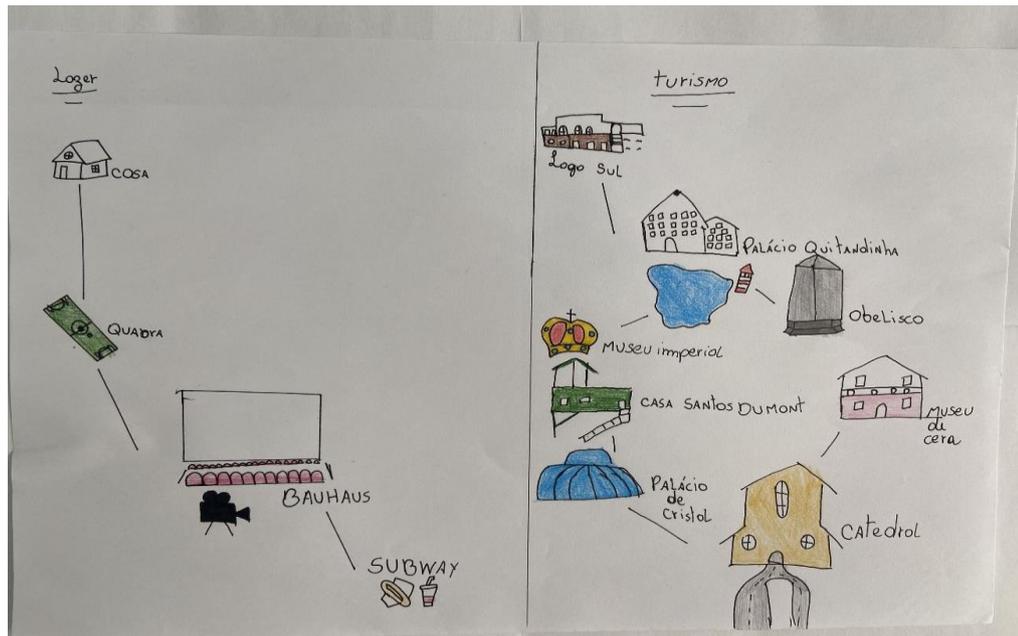
Fonte: Autoria própria (2022)

Figura 58 – Mapa mental de aluno do Instituto Metodista



Fonte: Autoria própria (2022)

Figura 59 – Mapa mental de aluno do Instituto Metodista



Fonte: Autoria própria (2022)

Na segunda análise, evidencia-se, mais uma vez, o fator socioeconômico determinante no acesso ao conhecimento. É notório que os alunos do bairro Quitandinha não frequentam a área central da cidade, onde grande parte dos principais pontos turísticos estão localizados. A baixa frequência de ida ao centro limita o conhecimento àquilo que eles observam sobre a paisagem do próprio bairro. Em maioria, os alunos do Quitandinha moram perto da escola, percurso feito, inclusive, sem necessidade de ônibus, por consequência, o acesso aos pontos turísticos que não estão nessa rota acaba sendo realmente limitado.

Uma das fragilidades observadas durante o período da pesquisa na escola pública é que a visita aos pontos turísticos centrais poderia ser incluída na disciplina sobre o município, como uma forma de alinhar o trabalho teórico ao prático, permitindo que os alunos de baixa renda conheçam a história da própria cidade e que tenham isso gratuitamente. Hoje, para as escolas realizarem aula de campo é necessário enviar ofício e agendar data junto ao setor de transportes da prefeitura, porém essas saídas impactam na logística da escola – principalmente se for contar apenas o tempo de aula da disciplina (50 min) não daria para realizar a ida, volta e conhecer algum espaço –, então retirar os alunos várias vezes durante o ano escolar para tais atividades não é uma realidade viável.

Outra fragilidade que se observada de modo geral é que os alunos não possuem o conhecimento que todo petropolitano tem direito a visitar qualquer ponto turístico de forma gratuita no último domingo de cada mês. Essa informação deveria ser mais bem divulgada para

fomentar que a população escolar e seus familiares pudessem ter acesso ao lazer histórico gratuito.

Os alunos do Instituto Metodista na sua totalidade frequentam áreas públicas e particulares de lazer, como parques naturais, que possuem trilhas, quiosques e outros equipamentos, além de parques temáticos e *shoppings*, que possuem equipamentos como cinemas, área de jogos, restaurantes e *fastfoods* onde realizam o interesse de lazer social com amigos e familiares. Diferente dos alunos da Escola Municipal Jandira Peixoto Bordignon, onde cerca de 80% relataram que o lazer é praticado nos campos de futebol próximos às suas casas, nas praças públicas e alguns nem consideram que realizam algum tipo de lazer. Para boa parte dos alunos da região do Quitandinha, a escola é citada como o único espaço “diferente” no dia a dia, e 20% dos alunos relataram que, às vezes, vão ao centro com os pais e amigos. Em outras palavras, a maioria realiza lazer em equipamentos não específicos de lazer.

No geral, o que se percebe é que os alunos que estudam no centro possuem maior acesso e poder aquisitivo para o lazer, principalmente o lazer pago, não por acaso eles têm conhecimento sobre os pontos turísticos situados no Centro Histórico. Já os alunos que estudam no bairro Quitandinha possuem uma grande limitação no acesso ao lazer e relatam que não costumam sair de casa, sendo o lazer mais comum o acesso aos campos de futebol perto de suas casas. O ponto turístico mais comum para eles é o Hotel Quitandinha, localizado no caminho que alguns realizam diariamente no trajeto casa e escola. Contudo, é interessante enfatizar que, apesar do hotel ser o único ou um dos poucos pontos turísticos que eles conhecem, as atividades ali realizadas pertencem ao lazer pago, interferindo diretamente no acesso desses alunos naquele espaço de lazer. Pode-se inferir, portanto, que esse “conhecer o Hotel Quitandinha”, se refere apenas à parte externa, apenas pela passagem por aquele local.

A classe social, o nível de instrução, a faixa etária e outros fatores limitam o lazer a uma minoria da população, principalmente se for considerada a frequência da prática e sua qualidade. Esses indicadores indesejáveis necessitam ser atacados por uma política que objetive a democratização cultural (Marcellino, 2000). O fator econômico é determinante, desde a distribuição do tempo disponível entre as classes sociais até as oportunidades de acesso à escola, e contribui para uma apropriação desigual do lazer, são as chamadas barreiras interclasses sociais (Marcellino, 1950). Os alunos da escola pública entendem que o lazer possui o caráter de aproveitar o tempo livre com os amigos e família, sempre relacionando o conceito ao contexto do que eles gostam de fazer, às atividades que realizam, não a um direito que deveria beneficiar e ser acessível a todos!

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa visou abordar a importância sobre os conceitos de lazer e turismo, compreendendo que, apesar das semelhanças teóricas, possuem grandes diferenças, principalmente na sua aplicabilidade. O lazer pode ser relacionado ao tempo de descanso, ao entretenimento ou às atividades recreativas realizadas no tempo ócio, sem a necessidade de se deslocar, podendo ser feito de forma gratuita ou paga. Já o turismo é compreendido de maneira geral através do deslocamento do indivíduo da sua moradia para outros locais, por lazer, negócios ou demais atividades. Para além disso, o turismo ainda inclui serviços necessários à sua realização, como hospedagem, alimentação, deslocamento e pontos turísticos.

Tendo em vista a dimensão entre lazer e turismo, foi proposto inserir esse conteúdo na perspectiva de alunos do 8º ano do ensino fundamental, de modo que pensassem para além da logística da sala de aula, aprendessem a avaliar quando realizavam atividades de lazer e/ou quando faziam turismo. Ao inserir a proposta da realização de mapas mentais, estabeleceu-se uma relação de proporcionalidade e espacialidade na localização no percurso escola-casa-espacos de lazer, demandando que pensassem no trajeto realizado diariamente.

Pensar a relação entre lazer e turismo sob a perspectiva dos alunos é compreender que o lazer como um direito constitucional, ciente de que o acesso a ele demanda outras questões. Ir ao *shopping*, por exemplo, demanda custos financeiros para alimentação no período em que estiver no espaço, transporte, algum responsável; apesar de ser um lazer, considerado por muitos, básico, requer uma grande mobilização para as classes mais baixas, isso explica o porquê de muitos alunos da escola municipal considerarem que não realizam lazer ou que o único lazer são as quadras e campos situados nos próprios bairros.

A pesquisa gerou um debate importante sobre o que é lazer e o que é turismo em um município de turismo consolidado, mesmo que a própria população desconheça os espaços de atividades turísticas, assim como seu direito constitucional de ter oportunidades de lazer não seja garantido a toda população. Outro ponto relevante é que, apesar de possuir uma disciplina que enfatize a discussão sobre o turismo no município aos alunos da rede pública, eles são os que menos possuem conhecimento e acesso a tais direitos.

Sobre os mapas mentais, foi possível compreender o papel crucial que desempenham na construção dos conceitos de lazer e de turismo, oferecendo uma representação visual e estruturada que facilita a compreensão e a organização das informações. Permitem visualizar as conexões entre diferentes aspectos do lazer e do turismo, como a relação entre a infraestrutura turística de uma região e o desenvolvimento econômico local, ou as interações entre turistas e

comunidades hospedeiras. São ferramentas eficazes para auxiliar os estudantes a entenderem e memorizar conceitos complexos, proporcionando uma estrutura clara que auxilia na assimilação e na retenção de informações.

No contexto do planejamento de destinos turísticos e de atividades de lazer, os mapas mentais são usados para visualizar estratégias, identificar recursos disponíveis, considerar *stakeholders* envolvidos, além de antecipar possíveis impactos. Em síntese, são poderosas ferramentas cognitivas e visuais que ajudam na construção de conceitos relacionados ao lazer e ao turismo, promovendo uma compreensão mais profunda e integrada desses fenômenos complexos.

Analisar a cartografia para o lazer e o turismo como recurso didático com os alunos do ensino fundamental II fez com que percebessem que o espaço oferecido aos turistas também pode ser usufruído como lazer pelos moradores locais, tendo em vista que, ao mesmo tempo, para estes, serve para lazer e, para aqueles, como atividade turística. Compreender a importância e o uso dos mapas mentais na percepção espacial da prática do lazer e do turismo é essencial. Diante do exposto, acredita-se que seja possível, a longo prazo, inserir mais atividades que envolvam a prática e a compreensão sobre turismo, além de melhorar a inclusão, o acesso e a permanência em espaços de lazer por parte de toda comunidade escolar e seus familiares.

## REFERÊNCIAS

- ARCHELA, R. S.; THÉRY, H. Orientação metodológica para construção e leitura de mapas temáticos. **Confins** [Online], 3, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/3483>. Acesso em: 4 abr. 2024.
- BACAL, S. **Lazer e o universo dos possíveis**. São Paulo: Aleph, 2003.
- BARBOSA, Y. M. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002. (Coleção ABC do Turismo)
- BARRETTO, M. **Planejamento e organização em turismo**. Campinas: Papirus, 1991.
- BERTIN, J. New Look At Cartography. In: D.R.F. Taylor (ed) **Graphic Communication and design in Contemporary**. EUA: John Willey & Sons, p. 69-86, 1967.
- BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BURDA, N. A.; MARTINELLI, M. Cartografia do Turismo: a elaboração de roteiros turísticos do patrimônio cultural da Lapa (PR). **Revista Geografias**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 24–40, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/13372>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- CAMARGO, L. O. L. Sociologia do lazer. In: ANSARAH, M. G. R. (org.). **Turismo: como aprender, como ensinar**. São Paulo: Editora Senac. São Paulo, 2001. p. 235-273.
- CLUTTON, A. On the nature of thematic maps and their history. **The Map Collector**, (22): 42-43, 1983.
- CRUZ, R. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2003.
- CRUZ, R. **Turismo e Território**. São Paulo: Contexto, 2001.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. 2ª ed., São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1999.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FERNANDES, F. **Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FERNANDES, M. do C.; MENEZES, P. M. L. de; SILVA, M. V. L. C da. Cartografia e turismo: discussão de conceitos aplicados as necessidades da cartografia turística. **Revista Brasileira de Cartografia**, v. 60, n. 1, p. 1-8. abr., 2008.
- FIORI, S. R. Arte pictórica e cartografia turística: a eficácia e a ludicidade dos mapas de orientação para o visitante. **Revista Geografia, Literatura e Arte**, São Paulo, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 51-76, 2020.

FIORI, S. R. Técnicas de desenho e elaboração de perfis. In: VENTURI, L. A. B. (org.). **Praticando Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula**. São Paulo: Editora Sarandi, 2011, p. 381-402.

FIORI, S. R. Cartografia e as dimensões do lazer e turismo: o potencial dos tipos de representação cartográfica. **Revista Brasileira de Cartografia**. Rio de Janeiro, v. 62, n. 3, p. 527-542. 2010.

FRIGOLETTO, M. E. **A Geografia em Primeiro Lugar**. 2000. Disponível em: <http://www.frigoletto.com.br/>. Acesso em: 10 maio 2024.

GODBEY, G. **Leisure in your life: an exploration**. Pennsylvania: Venture Publishing, 3<sup>rd</sup> ed., 1990.

GOMES, P. C. da C. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. 1<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GOMES, C. L. Lazer – Concepções. In: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 133-141.

GOULD, P.; BAILLY, A. Le pouvoir des cartes. **Brian Harley et la cartographie**. Anthropos, Paris, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Documentação do Censo 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do turismo**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio imaterial**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 10 maio 2024.

ISAYAMA, H. (Org.). **Lazer em Estudo: currículo e formação profissional**. Campinas: Papyrus, 2010. p. 59-85.

JOÃO, P. J. O tempo do descanso como direito fundamental do trabalhador. In: CONSULTOR JURÍDICO, **Reflexões Trabalhistas**. 3 ago. 2018. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2018-ago-03/reflexoes-trabalhistas-tempo-descanso-direito-fundamental-trabalhador/#:~:text=Tudo%20se%20mede%20em%20tempo,utilizar%20sua%20for%C3%A7a%20de%20trabalho>. Acesso em: 10 maio 2024.

JOLY, Y. F. A. **A cartografia**. Campinas: Papyrus, 1990.

MARCELLINO, N. C. **Introdução às Ciências Sociais**. São Paulo: Papyrus, 2002.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 2<sup>a</sup> ed. Campinas: Editores Autores Associados, 2000.

- MARCELLINO, N. C. Estudos do Lazer. São Paulo: Autores Associados, 1996.
- MARCELLINO, N. C. A relação teoria e prática na formação profissional em lazer. In: MARTINELLI, M. **Curso de cartografia temática**. São Paulo: Contexto, 1991.
- MARCELLINO, N. C. **Lazer e Educação**. São Paulo: Papirus, 1987.
- MARTINS, J. S.; FIORI, S. R.. **Contribuições para uma cartografia turística: dos mapas feitos a mão aos digitais**. , [s.l.], n. 17, p. 6-21, dez. 2020. ISSN 2317-8825. Disponível em: <https://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/319>. Acesso em: 1 maio 2024.
- MENEZES, P. M. L. de; FERNADES, M. do C. Cartografia turística: novos conceitos e antigas concepções. In: XXI Congresso Brasileiro de Cartografia, 21, 2003, Belo Horizonte. **Anais do XXI Congresso Brasileiro de Cartografia**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 1-8.
- MOESCH, M. M. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.
- OLIVEIRA, I. J. de. A cartografia aplicada ao planejamento do turismo. **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, v. 25, n. 1-2, p. 29-46, jan./dez., 2005.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.
- PALSKY, G. **Des chiffres et des cartes**. La cartographie quantitative au XIXe siècle. Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, Paris, 1996.
- PINTO, L. M. S. M. **Políticas participativas do lazer**. Belo Horizonte, 2009. Mimeografado.
- RAIMUNDO, S. **Abordagem geográfica nas atividades de lazer e turismo**. 2009.
- RAISZ, E. **Cartografia geral**. 2. ed., Rio de Janeiro: Ed. Científica, 1969.
- RODRIGUES, A. B. Geografia e turismo - notas introdutórias. **Revista do Departamento de Geografia**, 6, 71-82, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.7154/RDG.1992.0006.0006>. Acesso em: 9 abr. 2024.
- RUSCHMANN, D. **Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente**. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- RUSCHMANN, D. **Turismo e Espaço rumo a um conhecimento transdisciplinar**. Hucitec: São Paulo, 1997.
- SANCHO, J. M. Para uma Tecnologia Educacional. In: SANCHO, J. M. **A tecnologia: um modo de transformar o mundo carregado de ambivalência**. (Org.). 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2001
- SANTIAGO, D. R. P. **Inclusão digital: estratégias de copartilhação de idosos no lazer virtual**. 90 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2011.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. Hucitec: São Paulo, 1997.

SILVA, E. S. Cartografia social e os mapas mentais: a importância das abordagens qualitativas na educação geográfica. **Geoconexões online**, v. 3, n. 2, p. 2-21, 2023.

SILVEIRA, M. A. T. da. **Turismo, políticas de ordenamento territorial e desenvolvimento**: um foco no Estado do Paraná no Contexto regional. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Acesso em: 26 fev. 2024.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do ato de ler. (Trad. Daise Batista). Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SONEIRO, J. C. **Aproximacion e la geografia del turismo**. Madri, Sintesis, 1991.

SCHWARTZ, G. M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2003.

TELLES, D. H. Q.; VALDUGA, V. O “Espaço Turístico” a Partir da Multiescalaridade Territorial: complexidade e sistematização conceitual. **Anais Brasileiros de Estudos Turísticos**, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 8-16, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/abet/article/view/3099>. Acesso em: 9 abr. 2024.

TRIGO, L. G. G.; ANSARAH, M. G. dos R. **Turismo e qualidade**: tendências contemporâneas. Campinas: Papirus Editora, 2000.

SETOR de turismo no mundo cresceu 4% em 2019, segundo a OMT. **Turismo Compartilhado**. Disponível em: <https://turismocompartilhado.com.br/setor-de-turismo-no-mundo-cresceu-4-em-2019-segundo-a-omt/>. Acesso em: 23 out. 2021.

VALDUGA, V. O desenvolvimento do enoturismo no Vale dos Vinhedos. **Revista de cultura e turismo**. n. 2. UESC, 2012.